CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Marcela de Fátima Fernandes Marques

A RECOMPOSIÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS COM O AUXÍLIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro
2023

Marcela de Fátima Fernandes Marques

A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de Tecnologias Digitais na Educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadoras: Profa. Dra. Verônica Eloi de Almeida
Profa. Dra. Rosa Lidice de Moraes Valim

Rio de Janeiro
2023

MARCELA DE FÁTIMA FERNANDES MARQUES

A RECOMPOSIÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ATRAVÉS DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS COM O AUXÍLIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
VERONICA ELOI DE ALMEIDA
Data: 09/08/2023 17:09:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Veronica Eloi de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. André Cotelli do Espírito Santo, M. Sc. (UniCarioca)

Profa. Albertina Maria Batista de Sousa da Silva, D. Sc. (IFRJ)

Rio de Janeiro
2023

M357r Marques, Marcela de Fátima Fernandes
A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do ensino fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na educação / Marcela de Fátima Fernandes Marques. – Rio de Janeiro, 2023.
109 f.

Orientador: Verônica Eloi de Almeida
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2023.

1.Alfabetização. 2. Ensino fundamental. 3. Inclusão. 4.Antirracismo. 5. Novas Tecnologias Digitais. 6. Educação.. I. Almeida, Verônica Eloi de prof. orient. II. Título.

CDD 372.412

Dedico este trabalho a Deus, a toda minha família e àqueles que diretamente ou indiretamente me incentivaram neste grande desafio. Aos meus avós (*in memoriam*) que tudo fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo que tem feito em minha vida, porque sem o auxílio Dele não seria possível concretizar os meus projetos e sonhos. Agradeço à minha maior incentivadora, minha mãe Olívia, que nunca mediu esforços à sua maneira, contribuiu para eu conseguir atingir os meus objetivos. Ao meu pai João, que me apoiou todos os momentos que pedi o seu apoio. Ao meu esposo Maurício e meu filho Gabriel, pelo incentivo e paciência durante os vinte e quatro meses de estudos e dedicação ao Mestrado. Acompanharam-me durante todo o processo, desde o processo seletivo, inscrição, aulas, escrita, até a defesa desta dissertação. Aos meus familiares, só tenho a agradecer por tudo que representam em minha vida. Vocês diziam sempre que o caminho é árduo, mas que eu venceria. E eu venci com a ajuda dessa família maravilhosa! À minha orientadora, Dra. Verônica Eloi de Almeida, e minha coorientadora, Dra. Rosa Lidice Valim, serei eternamente grata pela dedicação, pelas valiosas orientações e pelo carinho em toda essa trajetória. À coordenação, mestres e colegas do Mestrado Profissionalizante em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca. Também destaco algumas pessoas para agradecer: minhas tias Cecília e Piedade Cristina, pelo eterno amparo, disponibilidade, paciência; Rafael Luiz P. Perez, por oportunizar meu trabalho na Unidade Escolar, colaborando com as informações necessárias, e todo o apoio de João Alfredo e Paulo, por sempre me ajudarem no processo de pesquisa e desenvolvimento diário das ações com a turma; Gisele Santos, que sempre me orientou, proporcionando uma melhor compreensão por qual caminho seguir; Paola e Maria, as quais, além de serem excelentes profissionais, são excelentes pesquisadoras. Em especial, agradeço à querida Tatiana Melo, que esteve presente em todos os momentos, sustentando-me e incentivando-me para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus amigos, mais chegados que irmãos, por não terem desistido de mim. Obrigada por cada intercessão! Em especial, quero agradecer à Elisabeth Martins Costa. Expresso, através das minhas singelas palavras, meu agradecimento eterno, meu profundo carinho e amizade por cada um. À equipe de funcionários da E. M. Herbert Moses, pelo trabalho de qualidade que desempenham com comprometimento, determinação e amor. Agradeço à diretora Vânia e à coordenadora Cristina, que permitiram que as atividades propostas fossem desenvolvidas, aos alunos envolvidos na pesquisa, que foram minha principal inspiração, e às famílias, tenho enorme gratidão pela confiança e parceria. Por fim, a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização deste trabalho.

“Quando se defende um garoto no tribunal, já se perdeu a guerra. A verdadeira luta deveria acontecer na sala de aula”.

(Escritores da Liberdade, 2007)

RESUMO

Esta dissertação propõe que a alfabetização com práticas antirracistas represente o tema desta pesquisa intitulada A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de Tecnologias Digitais na Educação. Pesquisa esta que questiona a respeito de como trabalhar a alfabetização de maneira mais inclusiva e atraente junto aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental em turmas de recomposição de escolaridade? Acredita-se que o processo de alfabetização de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental em turmas de recomposição de aprendizagem os quais foram bastante afetados pela pandemia de COVID-19, se balizado por materiais lúdicos e jogos analógicos, sustentados por práticas antirracistas, pode promover uma alfabetização com muito mais eficiência, haja vista que seria muito mais inclusiva e representativa. De acordo com o censo escolar 2022, feito pelo município do Rio de Janeiro, 89% dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental são pretos ou pardos. Assim, trabalhar alfabetização através de práticas antirracistas é trabalhar a alfabetização com inclusão, respeito e representatividade. Esta dissertação objetiva trabalhar o processo de alfabetização de jovens do segundo segmento do Ensino Fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem, com o uso dos jogos analógicos e materiais lúdicos que estimulem práticas antirracistas. Para coleta dos dados, foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica, bem como a metodologia do relato de experiência. – normatizada pela carta circular 166 de 2018, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2018). Para além, trabalhar-se-á respeitando as normativas éticas, propostas pela Resolução 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e com o modelo proposto por Mussi, Flores e Almeida (2021), o qual sugere que o relato seja dividido didaticamente em etapas, a saber: “diálogo entre o relato e a literatura”, “comentários acerca das informações do relato”, “análise das informações do relato de caso”, “dificuldades” e “potencialidades”. As informações sistematizadas durante o relato de caso sendo confrontadas com as informações sistematizadas no marco teórico e consubstanciando quadros conceituais associados a categorias de análise, as quais alicerçam a análise de dados. Este trabalho demonstrou que promover saberes plurais, viabilizam o combate ao racismo estrutural, ampliando discussões sobre o racismo e suas diversas manifestações sociais. Posto que, a ideia é que esta sequência didática seja inserida nas aulas das turmas de recomposição de aprendizagem de forma a auxiliar no processo de ensino e a dinamizá-lo. Pode-se então, a partir do desenvolvimento desta dissertação verificar a importância de se investir na alfabetização através dos instrumentos disponíveis em situações em que as comunidades escolares lidam com poucos recursos, bem como utilizar da melhor forma possível as Tecnologias Digitais, visto que são de livre acesso, mesmo aos mais carentes economicamente.

Palavras-chave: Alfabetização com práticas antirracistas; recomposição do processo de alfabetização; segundo segmento do Ensino Fundamental; práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na educação.

ABSTRACT

This dissertation proposes that literacy with anti-racist practices represents the theme of this research titled *The recomposition of the literacy process in the second segment of Elementary Education through anti-racist practices with the aid of Digital Technologies in literacy*. This research questions (problem) how to work on literacy more inclusively and engagingly with students in the second segment of Elementary Education in classes focused on literacy recovery. It is believed that (hypothesis) the literacy process of students in the second segment of elementary education in literacy recovery courses. Whose students were greatly affected by the COVID-19 pandemic. When guided by playful materials and analog games supported by anti-racist practices, may promote an efficient literacy process, as it would be more inclusive and representative. According to the 2022 school census conducted by the municipality of Rio de Janeiro, 89% of students in the second segment of Elementary Education are Black or mixed-race. Therefore, working on literacy through anti-racist practices means working on literacy with inclusion, respect, and representation. This dissertation aims to (general objective) contribute to the literacy process of young students in the second segment of elementary education in classes focused on literacy recovery, through the use of analog games and playful materials supported by anti-racist practices. The data was collected following a bibliographic research methodology, as well as the methodology of experience reports – standardized by Circular Letter 166 of 2018 from the National Health Council (BRASIL, 2018). In addition, the work will be conducted by the ethical standards proposed by Resolution 510 of April 7, 2016, from the National Health Council (BRASIL, 2016), and following the model proposed by Mussi, Flores e Almeida (2021), which suggests that the report be divided didactically into stages, namely: "dialogue between the report and the literature," "comments on the report's information," "analysis of the case report information," "difficulties," and "potentialities." The systematized information during the case report will be compared with the information systematized in the theoretical framework, substantiating conceptual frameworks associated with analysis categories that underpin data analysis. This work has shown that promoting plural knowledge enables the fight against structural racism, expanding discussions about racism and its various social manifestations. The idea is that this didactic sequence is included in the classes on educational recovery to assist the teaching process and make it more dynamic. Thus, based on the development of this dissertation, it is possible to verify the importance of investing in literacy through the available tools in situations where school communities have limited resources, as well as making the best possible use of digital tecnologies, since they are freely accessible, even to the economically disadvantaged.

Keywords: Anti-racist literacy; literacy recovery process; High school elementary education; anti-racist digital technologies in education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma das oficinas 44
Figura 2 - Roteiro semanal das oficinas pedagógicas 45
Figura 3 - Travessia 2022 48
Figura 4 - Travessia Profa. Marcela 51
Figura 5 - Roda de leitura 52
Figura 6 - Formação de palavras 53
Figura 7 - Obras literárias utilizadas nas rodas de leitura 54
Figura 8 - Meu cabelo 56
Figura 9 - Análise de Conteúdo de Bardin 59
Figura 10 - Alfabetário antirracista 71
Figura 11 - Algumas letras do alfabetário 73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Achados da preliminar de campo 38
Quadro 2 - Categorias para análise dos dados a partir dos achados do Relato de Experiência 60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Inquietação e justificativa: o valor desta pesquisa 14
1.2 Elementos estruturantes desta pesquisa: problema, hipótese e objetivos 17
1.2.1 Objetivo Geral 19
1.2.2 Objetivos Específicos 19
1.3 Riscos e benefícios 21
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS 23
2.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica 23
2.2 Alicerce da preliminar de pesquisa 25
2.3 Alicerces da pesquisa de campo 25
3 OBJETO DE ESTUDO 27
4 REFERENCIAL TEÓRICO 29
4.1 Breve histórico da inclusão no Brasil 30
4.2 Um olhar inclusivo sobre a diversidade cultural 31
4.3 As dificuldades na inclusão do ensino afro e indígena nas escolas 32
4.4 O Projeto Travessia frente aos desafios de aprendizagem 33
5 PRELIMINAR DE CAMPO 35
5.1 Considerações iniciais 35
5.2 Contornos associados a esta pesquisa 35
5.3 Preliminar de campo 36
5.3.1 Professor 1 36
5.3.2 Professora e Empreendedora 36
5.3.3 Professor da Unidade Escolar 37
5.3.4 Atividade com o autor 38
5.4 Achados 38
6 CAMPO 40
6.1 Relato de caso 40
6.2 As oficinas pedagógicas 43
7 ACHADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO RELATO DE CASO 58
7.1 Achados do Relato de Experiência 60
7.2 Análise dos resultados dos dados evidenciados a partir do Relato de Experiência 62
8 PRODUTO CONSOLIDADO 71
8.1 Descrição do produto 71
8.2 Aplicação 73

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS 75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 78
APÊNDICES 84
Apêndice A – Parecer consubstanciado do CEP - UFRJ 84
Apêndice B – Parecer consubstanciado do CEP - SMS/RJ 94
ANEXOS 103
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 103
Anexo 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) 109

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação debruça-se sobre o tema do processo de alfabetização e letramento de alunos em faixa etária superior ao período da alfabetização nas séries de base, os quais, por estarem no segundo segmento do Ensino Fundamental, foram incluídos em uma turma intitulada "Projeto Travessia" cujo objetivo é realizar uma recomposição de aprendizagem para que tais alunos diminuam a defasagem em seu processo de aprendizagem. Soares (2000, p. 66) considera o letramento como "um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita"Ainda para Magda Soares (2000, p. 19) ao referir-se ao termo alfabetizado diz que "[ele] nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demanda". Conforme Soares (1998, p. 47):

> Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

A maior parte desses jovens são moradores de comunidades no Bairro de Jardim América, subúrbio carioca, e muitas vezes são marginalizados ou sofrem discriminação por serem em sua maioria negros e favelados.

Para tanto, o tema deste trabalho se baseia na alfabetização com práticas antirracistas, intitulado A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de Tecnologias Digitais na Educação. A respeito deste tema, importante mencionar que "não basta não ser racista, precisamos ser antirracistas" (DAVIS, [s.d.], p. 1).

Acredita-se que o processo de alfabetização de alunos do projeto Travessia, que vieram de um processo de afastamento das Unidades Escolares e foram lançados ao Ensino Remoto Emergencial, sem nenhum preparo prévio ou auxílio tecnológico, se mediado por materiais lúdicos e jogos analógicos, fundamentados por práticas antirracistas, pode promover uma alfabetização com muito mais satisfatório, haja vista que seria muito mais inclusiva e representativa.

O processo ensino aprendizagem contemporâneo deve estar alinhado com as tecnologias já utilizadas pelos jovens, pois, podem ser vistas como um auxílio neste processo,

principalmente no letramento e alfabetização, o qual, aproxima a escola da realidade dos discentes vivenciada fora do espaço escolar, também deverá estar ligado a proposta pedagógica da escola, que neste caso está relacionada as práticas antirracistas.

No que diz respeito às tecnologias, percebe-se que a escola pública necessita tornar-se uma escola dinâmica que possa ser atraente aos jovens e, principalmente, possa prepará-los de forma a compartilhar o que aprendem. É importante que a escola acompanhe a evolução social e os educadores estejam capacitados para atuar perante os desafios tecnológicos do século XXI. Galvão *et al.* (2021, p. 55) chegam à conclusão de que a utilização das tecnologias nas salas de aula não é uma tarefa de simples execução, contudo ela é capaz de favorecer a conexão da ação do planejamento com a execução da aula proposta, promovendo, portanto, uma experiência lúdica e afetiva do educando com essa aprendizagem.

Fora dos muros da escola, o aluno pode viver em um universo rico, cheio de novidades e ambientes que estimulem a criatividade. Ter contato com o mundo, diferentes culturas e novas experiências podem contribuir para o processo de alfabetização de forma mais eficiente e ao mesmo tempo enriquecedora culturalmente, por conseguinte o aluno contribui para seu aprendizado.

O conhecimento escolar não pode estar separado do meio histórico e social no qual o aluno está inserido, pois a escola tem a missão de prepará-lo para os desafios que a vida apresenta. “Por mais rica que a experiência escolar seja” (SABINI, 1986, p. 21), ela não corresponderá a todas as situações que ele enfrentará fora dela, portanto é fundamental, que no ambiente escolar, as oportunidades de aprendizagem sejam mais que dinâmicas e diversificadas e promovam o crescimento tanto cognitivo, quanto emocional do aluno.

Esse capítulo será subdividido em 3 partes a saber: 1.1 Inquietação e justificativa; 1.2 Elementos estruturantes desta pesquisa: problema, hipótese e objetivos e 1.3 Riscos e benefícios. Num primeiro momento apresenta-se de forma relevante um breve histórico pessoal, no qual a pesquisadora relata sua trajetória no segmento da educação, os motivos e inspirações para a formação profissional, detalhando a inquietação que deu origem a esta dissertação com foco no processo de alfabetização. A seguir, reflete-se sobre a estrutura que serviu de base para o desenvolvimento da tese, que são: o problema, a hipótese e os objetivos. Na sequência, expõe-se os riscos e benefícios, que apesar de serem minimizados pelo fato de haver documentos que resguardam os participantes, esclarecendo todo o processo de participação, é importante que fiquem registradas todas as etapas, e resultados que se espera alcançar.

1.1 Inquietação e justificativa: o valor desta pesquisa

Filha, sobrinha e prima de professores, desde criança o magistério sempre esteve muito presente na minha vida pessoal. Quando criança, até pensei em cursar outras carreiras, mas entendi que o magistério era algo intrínseco a mim. Minha mãe e minha tia materna me inspiraram e cresci com o desejo de ser professora; estudei com dedicação, formei-me e logo comecei a lecionar em escolas da rede particular, no bairro onde morava. Oito anos depois, assumi a primeira matrícula Secretaria Municipal de Educação- SME-RJ, realizando um grande sonho, visto que fui criada circulando pelas escolas nas quais a minha mãe lecionava. Três anos depois de assumir a primeira matrícula, prestei concurso para a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e fui aprovada mais uma vez. Trabalhei inicialmente em uma escola de primeiro segmento, no bairro de Cordovil, de horário integral. Ao assumir a segunda matrícula, deparei-me com uma nova realidade: uma lotação nas turmas de Educação de Jovens e Adultos- EJA e outra no segundo Segmento do Ensino Fundamental, em uma nova disciplina, que acabara de ser licenciada. Novos aprendizados, novas conquistas. Tudo novo. Havia momentos em que parava para refletir na minha vida pessoal, e resolvi buscar uma alternativa para o trabalho noturno. Com muita conversa e apoio da minha família, pela qual tenho muito orgulho, essa fase difícil passou e depois de um ano consegui a lotação em uma gerência de Recursos Humanos, da 5ª Coordenadoria Regional de Educação - CRE. Guardo boas lembranças, mas também vivi situações difíceis com a violência, alunos com comportamento agressivo e desinteressados. Foi um choque de realidade devido ao espaço físico, comunidade e precariedade de recursos pedagógicos.

> Depois de anos lecionando, tanto na rede privada, quanto na rede pública, percebo pouca mudança na forma de ensinar: escolas sem atrativo, professores desmotivados, e com isso alunos desmotivados. Os alunos socialmente mais desprivilegiados, sofrendo, inclusive, com o preconceito, bullying e racismo, dentro e fora do espaço escolar. Os alunos socialmente mais desprivilegiados, sofrendo, inclusive, com o preconceito, bullying e racismo, dentro e fora do espaço escolar.

No entanto, é dentro de uma escola democrática, inclusiva, e de direito de todos, em que nós, professores, somos parcialmente responsáveis pela cidadania dos alunos, e pela mediação de ensino e consolidação de valores.. Para a construção desse lugar ideal, percebo a necessidade de desenvolver práticas mais atraentes aos alunos que foram atingidos pelo Ensino Remoto Contingencial, que não tiveram acesso às redes virtuais de comunicação. Esses discentes foram aprovados automaticamente, chegando ao segundo segmento com

déficit na alfabetização. Por esse motivo, a proposta de utilizar Novas Tecnologias – Digitais ou Analógicas – no processo de alfabetização e letramento desses alunos – me inspirou a desenvolver essa pesquisa, fruto dessa inquietação sobre um Novo Olhar para esses alunos que precisam ser alfabetizados com proficiência, mesmo fora da faixa etária.

Meu trabalho com o segundo segmento no Ensino Fundamental permitiu-me uma bagagem de experiências com alunos os quais, ainda que frequentem a escola, contudo, não alcançam um nível de aprendizado que os possa levar a atingir sonhos mais altos, no que concerne ao domínio da leitura e escrita. Tais circunstâncias aliadas ao desejo de explorar em sala de aula mais da cultura afro como projeto de inclusão para estes alunos, que em sua maioria, desconhecem a riqueza multicultural e a diversidade que compõem a nação brasileira.

> Os desafios comuns às escolas públicas e às comunidades, atendidas por estas unidades de ensino, absorvem muito da dura realidade vivenciada por esta parcela da população. Segundo Leonardo (2008, p. 436): "a maior dificuldade está em se conseguir uma escola que considere as diferenças culturais, isto é, não elimine as características culturais de cada grupo e compreenda que as diferenças acontecem num mundo de lutas, de posições e significados", visto que as questões sociais podem ser negligenciadas pelo poder público, entretanto, as necessidades se tornam cada vez mais evidentes no ambiente escolar, fato este que pode afetar toda a comunidade escolar e equipe multidisciplinar, posto que os alunos passam por aprovação sem que estejam aptos às séries subsequentes.

Os anos trabalhando com alunos de tais segmentos e o cotidiano destes, trouxe à tona observações sobre a forma do ensino oferecido, a capacitação deficitária dos professores para lidar com uma gama de situações as quais fogem do que se propõe no currículo programático, entretanto, precisam ser encaradas com seriedade, a fim de que o ensino desde as séries de base se mostre capaz de propiciar aos alunos condições mínimas de acompanhamento dos conteúdos propostos pelas diretrizes da educação.

Fundamentando, assim, a escolha do tema desta dissertação foi o interesse pelo estudo sobre o processo de alfabetização em turmas de recomposição de aprendizagem, tendo origem nas observações de práticas de leituras e escritas na unidade onde atuo como professora de Ensino Fundamental, principalmente, no trabalho de leitura e escrita com os jovens com necessidades educacionais especiais.

Devido ao fato de ficar evidenciada uma difícil relação desses discentes com o texto literário, senti a necessidade de um aprofundamento teórico/prático sobre as contribuições que a Literatura aliada a ferramentas digitais, na certeza de que um maior conhecimento, me

proporcionaria uma maior possibilidade o êxito do projeto, a partir de uma proposta de inclusão da diversidade escolar.

A escola precisa estabelecer a multiculturalidade, que segundo Candau (2010, p. 20), "trata-se de um projeto político-cultural, de modo de se trabalhar as relações culturais da sociedade, de conceder políticas públicas na perspectiva da radicalização da democracia." através da escolha dos textos os quais serão/são trabalhados no espaço escolar. O professor, enquanto mediador da construção do conhecimento, e isto, vivenciado na prática diária como educadora, necessita se reconhecer como parte do processo de desenvolvimento do conhecimento do aluno e colocar-se como mediador da inclusão escolar, em que a diversidade seja entendida como suporte à prática docente.

Portanto, o professor ao utilizar em sala de aula, as diferentes manifestações culturais, valoriza a diversidade cultural existente e, aos poucos, mantém um diálogo de combate ao Racismo, (Almeida, 2019 p.25) "É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos.", promovendo práticas antirracistas junto à comunidade escolar. Percebe-se a importância da questão da inclusão nas escolas, para Leonardo (2008, p. 437): "O que se defende aqui é um ensino de qualidade e que a escola não seja excludente, mas deve-se ter claro que incluir no contexto escolar uma pessoa há muito tempo excluída do contexto social requer muito mais do que apenas proporcionar-lhe o mesmo espaço físico", é preciso proporcionar condições para que possa evoluir em seu contexto de aprendizagem.

Em um relato de experiência com uma turma do projeto Travessia, percebi que os alunos da turma, na faixa etária entre 11 e 16 anos – alguns na faixa etária do Ensino Fundamental II –; enquanto outros, dentro da faixa etária dos alunos do PEJA – não estão alfabetizados. Acredita-se que o processo de alfabetização de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental em turmas de recomposição de aprendizagem os quais, diga-se de passagem, foram bastante afetados pela pandemia de COVID-19, se balizado por materiais lúdicos e jogos analógicos sustentados por práticas antirracistas, pode promover uma alfabetização com muito mais eficiência, haja vista ser muito mais inclusiva e representativa.

Este estudo analisa como as tecnologias podem auxiliar a alfabetização e letramento utilizando práticas antirracistas, entre outras atividades. Para tanto é utilizado um alfabetário antirracista, rodas de conversa, jogos e outras metodologias com auxílio de tecnologias para alfabetização dos alunos do Projeto Travessia da Escola Municipal Herbert Moses, lotada em Jardim América. Para tal análise, serão necessários recursos digitais como *smartphones*,

projetores, computador, *wi-fi* e recursos analógicos como papel, livros, caneta, lápis, borracha, cartolina.

O processo ensino-aprendizagem precisa levar em conta que tais recursos tecnológicos já são utilizados pelos jovens, portanto, podem ser vistos como um auxílio do processo de ensino e aprendizagem, principalmente no letramento e alfabetização. Tal iniciativa visa aproximar a escola da realidade vivenciada pelos discentes fora do espaço escolar. Também precisa estar ligado à proposta pedagógica da escola, que no caso em estudo, está relacionada às práticas antirracistas.

1.2 Elementos estruturantes desta pesquisa: problema, hipótese e objetivos

"A educação escolar possui um papel insubstituível como provedora de conhecimentos básicos e habilidades cognitivas e operativas necessárias para a participação na vida social e no que significa o acesso à cultura, ao trabalho, ao progresso e à cidadania" (LIBÂNEO *apud* WEISSMANN, 1984, p. 16).

A escola precisa estabelecer a multiculturalidade na escolha dos textos que serão trabalhados no espaço escolar. O professor, enquanto mediador da construção do conhecimento, necessita se reconhecer como parte do processo de desenvolvimento do conhecimento do aluno e colocar-se como mediador da inclusão escolar, em que a diversidade seja entendida como suporte a prática docente. Portanto, o professor, ao utilizar na sala de aulas as diferentes manifestações culturais, valoriza a diversidade cultural existente, logo, aos poucos, mantém um diálogo antirracista junto à comunidade escolar.

Segundo PNAD (Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua) (PNAD-Continua, IBGE) 2019 a 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças entre 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever, de acordo com os seus responsáveis – um total de 2,4 milhões de crianças entre 6 e 7 anos, nessa situação em 2021. Os dados também mostram como a pandemia afetou de forma percentual desigual crianças de diferentes classes sociais. O índice de crianças brancas nessa faixa que não sabiam ler e escrever aumentou de 8,5% em 2019 para 12,3%. Entre as crianças mais pobres, o percentual aumentou de 33,6% para 51%, de 2019 a 2021; enquanto, entre as mais ricas, o aumento foi de 11,4% para 16,6%.

Segundo Junqueira (2022 *apud* ABE, 2022), as crianças pardas e negras já sofriam com os processos de alfabetização, entretanto, a pandemia de COVID-19 acentuou as desigualdades. Vale lembrar que 80,5% da população presente na educação básica brasileira se encontra estudando em escolas públicas. De acordo com Macedo (2022):

> Muitas (os) professoras (es) relataram como alguns dos ganhos a intimidade que tanto elas(es), como as crianças passaram a ter com as novas tecnologias, que antes não usavam. Como grande parte do ensino remoto foi feito via WhatsApp, as crianças desenvolveram bem a oralidade, porque tinham que gravar vídeos ou mandar áudios para as(os) professoras(es). Elas tinham que recontar histórias que leram, ou que as(os) professoras(es) contaram para elas (MACEDO, 2022 *apud* ABE, 2022, n. p.).

Entretanto, quando esse processo não ocorre dentro da faixa de escolaridade correta e o aluno chega ao segundo segmento com deficiência na alfabetização, podemos estudar soluções e alternativas para recomposição da aprendizagem desses jovens.

Portanto, o problema dessa dissertação baseia-se na possibilidade realizar a alfabetização de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem, com práticas antirracistas em escolas da prefeitura do Rio de Janeiro, com o auxílio de tecnologias?

As novas tecnologias estão presentes no dia a dia dos alunos e se tornaram um hábito social, o que permite que os alunos se relacionem com as informações de maneiras diferentes, constituindo-se em um contraste o qual desafia o atual modelo de educação.

Frente ao exposto, levantou-se o questionamento a respeito de como trabalhar a alfabetização de maneira mais inclusiva e atraente, junto aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, em turmas de recomposição de escolaridade?

“Educar é proceder em prol do próximo a aprender desenvolver atividades por si mesmo, dando significado e emoção. Educar e semear com sabedoria e colher com emoção” (CURY, 2003). A escola precisa refletir sobre seu papel social, cujos ensinamentos promovem no aluno o entendimento das ações para além do pedagógico, fora do ambiente escolar. O comportamento em sociedade pode ser enriquecido com as contribuições que o espaço escolar pode proporcionar na formação do sujeito político.

Por hipóteses, espera-se ao final que as reverberações desse trabalho promovam saberes plurais, viabilizem o combate ao racismo estrutural, a partir da ampliação das discussões sobre racismo e suas diversas manifestações sociais. Esta dissertação, espera, ao final, propor, como produto, uma sequência didática para que os professores, juntamente com as crianças, criem materiais e jogos lúdicos. A ideia é que esta sequência didática possa ser inserida nas aulas das turmas de recomposição de aprendizagem de forma a auxiliar no processo de ensino e dinamizá-lo.

De acordo com Vigotsky (1984), não há homogeneidade no processo do aprendizado e desenvolvimento, portanto a individualidade deve existir, pois ela é o alicerce da

personalidade. Educar apresentando a heterogeneidade do mundo é contribuir na formação de seres humanos que aprendam a crescer e a viver na diversidade, que dominem suas emoções e tenham visão crítica do mundo.

Para Chaves *et al.* (2018, p. 2), "as tecnologias móveis têm proporcionado a estruturação de novo paradigma educacional, que recebeu o nome de *mobile learning* ou aprendizagem móvel, por ser produzida por meio de dispositivos móveis". Como tornar o processo viável, fazendo com que possam interagir e fazer uso das tecnologias digitais, jogos, práticas lúdicas tornando o momento da aprendizagem mais significativo, atraente, inclusivo, diverso e contextualizado? Chaves *et al.* (2018) nos diz que dentre estes recursos, os *smartphones* estão cada vez mais presentes na sala de aula, por isso devem ser utilizados com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento dos conteúdos disciplinares.

1.2.1 Objetivo Geral

Tem-se por objetivo geral desenvolver uma metodologia de alfabetização propondo a elaboração de um material didático (sequência didática) para a alfabetização de jovens do segundo segmento do Ensino Fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem com o uso dos jogos analógicos, digitais e materiais lúdicos que estimulem práticas antirracistas.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para tanto, os objetivos específicos são: (I) realizar pesquisas bibliográficas sobre os processos de alfabetização, recomposição de aprendizagem, jogos e a alfabetização; (II) investigar sobre a implementação da Lei nº 10.639/03[1], que coloca a necessidade de se trabalhar conteúdos de História e Cultura Afro-brasileiras no ensino; (III) pesquisar sobre jogos e atividades lúdicas; (IV) construir relato de caso para apresentar trabalho que se evidencia a partir de prática profissional inovadora em turma de recomposição de

[1] Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003, n. p.).

aprendizagem do segundo segmento do Ensino Fundamental em escola da rede municipal do ensino do Rio de Janeiro; (VI) realizar análise de dados ao contrapor dados bibliográficos com dados do relato de caso.

Segundo a Carta Circular No. 166/ 2018 CONEP/SECNS/MS (BRASIL, 2018[2]), pode-se consubstanciar relato de caso (ou relato de experiência) de duas formas distintas: (1) pode-se realizar um projeto de relato de caso ou (2) um projeto de caso propriamente dito. O primeiro faz jus ao planejamento do relato, bem como demanda autorização prévia à Plataforma Brasil (antes da construção do relato em si). Já o segundo, pressupõe encaminhamento do relato de caso à Plataforma Brasil em sua forma já consubstanciada, assim, a requisição de autorização à Plataforma Brasil realiza-se após a redação do relato em si, para validação do processual ético/metodológico que norteou a pesquisa.

Nesse sentido, respeitaram-se as resoluções 50/2016 e 466/2012[3], bem como o conceito de Relato de Caso (ou Relato de Experiência) definido sucintamente por Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 60) que afirmam que "manuscritos do tipo relato de experiência permitem a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais. Neste sentido, é fundamental que sua escrita garanta sua apresentação a partir da perspectiva acadêmica".

Sabe-se que a Carta circular 166 dirige-se de forma mais específica à área biomédica, todavia, suas ponderações cabem para a área da docência, haja vista que ações profissionais da prática contingencial docente muitas vezes demandam delineamento descritivo, sem grupo controle, de caráter narrativo e reflexivo, cujos dados são provenientes da prática cotidiana ou da atividade profissional. Assim, este o relato de caso foi constituído antes de ser apresentado à Plataforma Brasil, a partir de diários de classe com anotações relativas ao planejamento das aulas e ao modo como as aulas se desenrolaram. A decisão de construir o campo desta dissertação, a partir destes dados, surgiu devido à constatação de que a pertinência dos elementos constituintes do contexto fazia jus.

---

[2] Esclarecimento acerca da tramitação dos estudos do tipo “Relato de caso” no sistema Comite de Ética em Pesquisa – CEP/CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) para área biomédica. O Sistema CEP/Conep é formado pela Conep (instância máxima de avaliação ética em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos) e pelos CEP (Comitês de Ética em Pesquisa), instâncias regionais dispostas em todo território brasileiro. O Sistema também envolve pesquisadores, assistentes de pesquisa, professores e universitários em iniciação científica, instituições de ensino, centros de pesquisa, fomentadores de pesquisa e os participantes de pesquisa.

[3] Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

1.3 Riscos e benefícios

Toda pesquisa pode proporcionar um risco, uma vez que ao envolver jovens, moradores principalmente de Jardim América e bairros vizinhos, moradores ou não de comunidades, muitos sem acesso à internet fora de casa, ou com infra-estrutura tecnológica de comunicação pouco eficiente em suas residências, sendo realizada no espaço escolar, pode gerar falta de dados no que concerne às famílias.

A pesquisadora realizou ações através de diálogos reflexivos com os colegas regentes – os quais já realizam ações diversas a fim de motivarem os alunos –, outros professores que atuaram e/ou atuam em turmas de recomposição de aprendizagem pela correção de distorção idade escolar X idade cronológica, através de escuta atenta aos problemas que possam vir a surgir durante as ações.

Contudo, essas questões de risco podem ser minimizadas e resolvidas mediante às devidas adaptações, deixando registrado que diante de quaisquer eventuais riscos serão tomadas as devidas precauções, quanto ao bem-estar físico e emocional dos alunos envolvidos neste projeto. De acordo com Nunes (2021, p. 7): "Ademais, tomaram-se medidas para assegurar o anonimato das pessoas tituladas, quando do tratamento das informações, a fim de preservar-lhes a identidade", fator de confiabilidade para com os participantes da pesquisa.

Devem-se destacar os benefícios em se participar deste projeto, pois, as atividades propostas são interessantes e agregam conhecimento cultural mais abrangentes do que o conteúdo programático letivo, bem como a utilização de tecnologias digitais que farão parte do processo, como criação de vídeos, animação, atividades artísticas e palestras com profissionais da área da educação com temas relevantes para o projeto, visando o aprimoramento do aprendizado para os alunos participantes.

Em termos de benefícios, destacamos práticas de alfabetização para jovens que chegaram ao segundo segmento com essa deficiência, além de permitir a incorporação de práticas antirracistas na escola, disseminando no espaço escolar, boas práticas de convivência, respeito, cidadania, diversidade e inclusão.

Para o professor participante, esta pesquisa trará como benefício a apropriação de conhecimento para sua formação, desenvolvimento de atividades lúdicas, inclusivas, com respeito às diversidades, apropriação do potencial das novas tecnologias e novas ações com interação com os alunos em diferentes ambientes dentro e fora do espaço escolar.

Mediante à apresentação dos documentos de autorização que ficarão em posse dos envolvidos, fica assegurado que a confiabilidade no estudo, a relação estabelecida entre a

pesquisadora e os alunos os deixa confortáveis para a qualquer momento se retirarem do estudo, ressaltando que o Projeto Travessia, a que se vincula o estudo, é parte do proposto pela instituição de ensino, e, portanto, a participação no mesmo é de prévio conhecimento de alunos e responsáveis.

Fica evidenciado que por se tratar de um projeto oferecido pela escola, agrega-se uma gama de conhecimentos, cujos limites vão além dos muros, por assim dizer, pois, abrirá o universo de cultura sobre personalidades abordadas no abecedário composto de personalidades de origem afro, tanto de destaque nacional, quanto internacional, cujo objetivo é despertar nos alunos o desejo de ampliar o conhecimento e aumentar a autoestima, indo além do nome ou da função exercida por cada personalidade em destaque. Poderão, por fim, construir suas próprias narrativas na história pessoal a partir das informações contidas no abecedário.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo aborda a metodologia adotada para este trabalho, a qual envolve tanto a pesquisa bibliográfica, bem como o relato de caso, cumprindo os requisitos necessários para o desenvolvimento previsto na legislação, por envolver alunos, seus responsáveis e terceiros que farão parte direta ou indiretamente da pesquisa.

Este capítulo está segmentado em 3 partes, a saber: 2.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica; 2.2 Alicerce da preliminar de pesquisa; e 2.3 Alicerces da pesquisa de campo: relato de caso. Num primeiro momento, apresenta-se o embasamento bibliográfico com autores que trouxeram as bases para que todo o trabalho possa estar respaldado em dados que possibilitem ao leitor a fidelidade ao tema da pesquisa. Após, reflete-se sobre as preliminares da pesquisa, para a qual se analisou a possibilidade de desenvolvimento do trabalho. Por fim, trata-se dos alicerces em se apoiaram a pesquisa de campo e o relato de caso que constituem a iniciativa a qual originou toda a pesquisa.

2.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica

O levantamento bibliográfico relacionado à pesquisa foi feito a partir da leitura de documentos regulatórios para o Ensino Fundamental, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEF) (BRASIL, 1998), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n°9394/96 (BRASIL, 1996), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) e A Declaração de Salamanca (1994).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC coloca a alfabetização como um dos pontos focais dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Segundo o texto, é importante a ênfase neste período, pois, é por meio de uma boa articulação com a escrita que crianças poderão desenvolver melhor suas habilidades, e, assim, poder se envolver em outras formas de letramento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96),em seu o Art. 2o descreve que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania pautado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

De acordo com Magda Soares (2004), professora e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE, uma pessoa alfabetizada corresponde ao domínio das práticas de leitura e da escrita para usá-las em sua função social. Tal afirmação deixa

claro a complexidade que envolve o processo de educação, principalmente quando nos referindo ao período de alfabetização não só de crianças, mas de jovens e adultos.

Portanto, a leitura desses documentos permitiu desenvolver um acervo literário e um registro de dados sobre os jovens e seus direitos enquanto cidadãos. É importante destacar o respeito à diversidade, evitando a discriminação e a exclusão escolar.

A metodologia desenvolvida durante uma pesquisa precisa estar baseada na ética para elaborar com clareza as ideias e o aprofundamento do tema em questão. Para tanto, a metodologia utilizada neste estudo, com relação aos objetivos, tem caráter exploratório, adotando, como procedimentos de coleta, o estudo do caso da escola já mencionada anteriormente, além de levantamento bibliográfico, documental e entrevistas semiestruturadas. As principais fontes de informação para o estudo são o relato de caso e o estudo de campo. No que diz respeito à natureza dos dados, a pesquisa tem caráter qualitativo.

Lüdke e André (1986) defendem que a pesquisa qualitativa deve ser empregada quando o objeto de pesquisa apresenta muita complexidade, sendo por isso indicada para a compreensão de práticas vividas no contexto escolar e para identificação e sistematização de novas práticas de ensino. Ainda segundo as autoras, a pesquisa qualitativa é rica em descrições do espaço natural de modo a proporcionar riqueza de detalhes da compreensão do fenômeno estudado pelos leitores, e "focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Duarte (2008), se referindo a Stake (1998), afirma que às vezes não é o pesquisador que vai em busca do caso a ser pesquisado, mas que é ele quem se vê obrigado a investigar o que está a sua frente, seja pela originalidade do caso, ou por ser tratar de algo ainda pouco investigado. Nesse caso, a experiência docente apresentada, coloca-se em movimento para compreender o trabalho realizado e caracterizá-lo como relato de caso da pesquisa neste trabalho.

A pesquisa surge da emergência de um estudo sobre uma prática contingencial da pesquisadora, baseada na revisão bibliográfica, em coleta de dados, utilizando-se de entrevista semiestruturada, apoiada em roteiro com questões previamente elaboradas e observação assistemática do participante, as quais transformaram-se em registros dos fatos de maneira informal e espontânea, sendo o pesquisador um espectador, conforme as ideias aqui parafraseadas de Marconi e Lakatos (1999).

Utilizei a metodologia de estudo de caso, que orienta a reflexão sobre uma cena, evento ou situação, proporcionando uma análise crítica .

Tendo por questão norteadora da pesquisa a inclusão de práticas antirracistas no processo de alfabetização e de letramento, ainda que tardios, no que concerne ao período em que os alunos já deveriam estar completamente alfabetizados, mas que, infelizmente não ocorreu. Portanto, a utilização de tecnologias analógicas e digitais podem contribuir significativamente no processo de construção do conhecimento dos alunos, inserindo-os, baseados na realidade vivenciada por eles, dentro e fora dos muros da escola.

2.2 Alicerce da preliminar de pesquisa

Entende-se por etapas preliminares da pesquisa as primeiras iniciativas em torno do tema, neste caso, contou-se com rodas de conversa com professores do mesmo segmento. A equipe pedagógica, ainda que de maneira informal, foi extremamente importante para que se chegasse a um consenso da necessidade em dedicar mais estudo ao processo de alfabetização e de letramento dos alunos, fora da faixa etária de serem alfabetizados, portanto prejudicados pela ocorrência da pandemia por COVID-19, que trouxe agravamento maior, onde já havia muitos atrasos.

Sendo importante destacar que tal panorama fora observado em outras turmas, ou seja, a mesma realidade da qual se originou esta pesquisa trouxe relevância a que se levasse adiante o projeto de pesquisa e, posteriormente, a esta dissertação. Tendo o cuidado de elaborar perguntas aos demais profissionais da educação os quais trouxeram vivências, tanto dentro de sala de aula, como das comunidades que compõem o entorno da escola.

2.3 Alicerces da pesquisa de campo

A pesquisa desenvolvida apresentou uma preocupação ética na coleta dos relatos, conforme a resolução 166 (BRASIL, 2016), visto que houve solicitação de autorização junto à Unidade Escolar, mediante a assinatura do TCLE, além do envio do projeto ao Comitê de ética da Secretaria Municipal de Saúde tendo em vista a Resolução CNS 466/2012 (BRASIL, 2012), de pesquisas acadêmicas quando envolvam seres humanos, também urge serem submetidas à Plataforma Brasil.

Segundo a Resolução nº 466/2012, a pesquisa deve conter todas as autorizações de uso de imagem e de voz, assim como TCLE, preservando os dados da confidencialidade (BRASIL, 2012). Não haverá nenhum risco ou exposição de indivíduos desnecessariamente, assim como não haverá discriminação na coleta de dados.

Para a elaboração e desenvolvimento desta dissertação, a busca por autores que viessem corroborar e embasar foi primordial, sendo importante Soares (2000, p.66) no que se refere ao letramento[4], a BNCC com as diretrizes que impulsionam a utilização de TICs na educação, Nascimento e Borges, cuja abordagem evidencia a importância da multiculturalidade e da diversidade cultural no país, Carvalho e suas considerações pertinentes à inclusão escolar, entre outros, que ao serem citados no decorrer do texto, trouxeram maior amplitude de conhecimento e lançaram luz ao trabalho.

[4] Soares (2000, p. 66) considera o letramento como "um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita" Soares (2004, p. 14) define que: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização [...].

3 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo desta dissertação é essencialmente o processo de letramento e alfabetização de crianças e adolescentes que cursavam o segundo segmento. Tais alunos se encontravam inaptos, isto é, sem condições de darem continuidade em seus estudos como o esperado para esta fase escolar.

Na busca por mitigar as perdas que estes alunos já acumulavam em seus históricos escolares e por integrarem o Projeto Travesssia[5], "foi pensado de forma a minimizar essas dificuldades, através de ações concretas junto aos professores, alunos e familiares" (RIO DE JANEIRO, 2019, n. p.). Ou seja, fora lançada uma iniciativa da Prefeitura do Estado do Rio de Janeiro para auxiliar as crianças no processo de alfabetização e letramento, com recursos diversos, de acordo as possibilidades de cada unidade escolar. No caso da escola em questão, objeto verificável nesta dissertação, pensou-se na elaboração de um alfabetário antirracista com informações sobre personalidades de origem afro, como elemento facilitador que permitiu que o processo de alfabetização se tornasse estimulante ao aprendizado, bem como fonte de conhecimento sobre indivíduos de expressão nacional e internacional, em diversos segmentos da cultura, cuja finalidade é que os alunos se espelhem em personalidades marcantes na história recente e contemporânea mundial e reafirmem sua autoimagem como sujeitos de sua própria narrativa.

Por atuar na escola e estar inserida no Projeto Travessia, foi-me possível compreender a realidade de comunidades mais carentes socialmente. Portanto, pude vivenciar juntamente com os alunos, a necessidade de intervir de maneira efetiva para que possam avançar no processo de alfabetização e letramento dentro de um planejamento que os permita minimizar o atraso já identificado no desenvolvimento escolar dos mesmos.

Destaco que a participação e interação entre escola e família é fator determinante no sucesso de qualquer projeto de inclusão e no processo de ensino-aprendizagem, como afirmam Silva e Carvalho (2017):

> Sendo assim, podemos apontar a necessidade de trabalhar em conjunto com os pais e responsáveis, pois a atitude dos pais é um dos fatores que dificulta ou impossibilita o êxito da inclusão escolar, sendo as crenças parentais um dos determinantes para a implementação do programa de inclusão escolar (SILVA; CARVALHO, 2017, p. 304).

[5] Turma de Recomposição de aprendizagem, criada em 2022 para atender os alunos que chegaram do segundo segmento sem o processo de alfabetização concluídos.

Baseando-se nesta interação, observa-se que os papéis da família e da escola concernentes à educação, quando alicerçados em políticas públicas, fazem do processo de inclusão uma possibilidade mais ampla e concreta, mediante o conceito de portas abertas para a diversidade, e, além disso, torna a escola, um ambiente onde os alunos conseguem construir conhecimento sobre si mesmos e de seu entorno social.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo encontra-se dividido em 4 tópicos e propõe discussão a respeito das questões da inclusão no Brasil, as culturas afro e indígenas, as dificuldades de inclusão e os desafios de aprendizagem frente aos objetivos do Projeto Travessia. Inicialmente, ao debater-se a questão da inclusão no Brasil, entende-se que abrange uma gama de temas como deficiências físicas e/ou intelectuais. Entretanto, nesta pesquisa, o tema da inclusão está direcionado e delimitado às questões culturais em nosso país, a saber, as culturas afro e indígenas no ensino de língua portuguesa, as quais poderiam ser melhor exploradas nos currículos programáticos, por se constituírem em riqueza do povo brasileiro.

Posteriormente, discutem-se as dificuldades em aplicar estes temas em sala de aula com mais profundidade, fazendo com que os alunos sejam despertados para conhecer de forma mais ampla, a riqueza de que se compõe a história da formação do povo. De acordo com Nascimento (2016, p. 5): "Nessa linha de pensamento, sabe-se que a população brasileira resulta de uma mistura de povos, raças e etnias, dentre as quais se destaca os indígenas e africanos. Mas mesmo com toda a influência desses povos na nossa cultura, ainda se conhece muito pouco a respeito desses povos", sendo relevante trazer esta abordagem ao trabalho.

No último tópico deste capítulo, abordam-se as dificuldades de aprendizagem ligadas aos fatores sociais, que permeiam a realidade das comunidades mais carentes, matriculados no segundo segmento do Ensino Fundamental e como o Projeto Travessia insere-se nesta iniciativa de oferecer reforço escolar para que tais alunos possam avançar em seus estudos.

Percebe-se a importância da questão da inclusão nas escolas, segundo Leonardo (2008):

> Destarte, princípio da educação inclusiva consiste em que as escolas devem reconhecer e responder às diversas necessidades dos alunos, assegurando-lhes uma educação de qualidade que lhes proporcione aprendizagem por meio de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos especiais, etc. (LEONARDO, 2008, p. 432).

O reconhecimento destacado pela autora é o processo em que as escolas se colocam em evidência, posto que, suas turmas trabalham com a diversidade de alunos de diferentes estágios de aprendizagem com distintas questões sociais, carentes de atenção constante em seus processos de ensino. O que corrobora com a afirmação de Borges (2015, p. 4): "O combate ao racismo não é uma tarefa exclusiva da escola, as formas de discriminação de

qualquer natureza não nascem ali, porém o racismo e as discriminações correntes na sociedade perpassam esse espaço", bem como sob o ponto de vista de Sousa (2021):

> A escola como um ambiente diversificado, precisa trabalhar todos os aspectos culturais, e é preciso possuir uma autonomia, bem como, uma formação para que todo o ambiente escolar possa de certo modo, vivenciar e aprender sobre culturas e modos de vida de outros indivíduos (SOUSA, 2021, p. 3).

Portanto, é no ambiente escolar que se desenvolvem as relações com a cultura, com a diversidade e com a riqueza cultural do país.

4.1 Breve histórico da inclusão no Brasil

Para adentrar no tema da inclusão de maneira específica quanto ao tema desta dissertação, é importante traçar um paralelo com a temática da inclusão de forma mais generalizada. Para tanto, buscou-se informações sobre como se deu a discussão e a própria legislação sobre a inclusão, a fim de trazer embasamento para o trabalho.

Destaca-se que, quando se aborda a temática da inclusão[6], as leis eram inicialmente direcionadas a indivíduos com necessidades especiais de aprendizado. No que tange este estudo, trata-se de inclusão num termo mais amplo, na ânsia de não somente ter, em classes regulares, alunos com déficit de aprendizagem por algum tipo de deficiência intelectual – o que atualmente ocorre nas turmas regulares –, mas, a inserção da multiculturalidade que compõe o povo brasileiro.

Silva e Carvalho (2017, p. 294) afirmam que: "Pode ser vista também, como um fator de coesão, que deve levar em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, sendo o respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos um princípio fundamental das práticas educativas". Desta forma, é possível maximizar o termo "inclusão" para a diversidade cultural, o que também inclui alunos com necessidades especiais de aprendizagem.

Compreende-se que desde a promulgação em 1961 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) até a atualidade, houve um avanço significativo. A Constituição de 1988, e, posteriormente, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), materializam passos importantes dados em direção ao caminho para que inclusão esteja presente nas escolas e, principalmente, nas turmas regulares (TODOS PELA EDUCAÇÃO,

[6] Inclusão significa que os membros de todos os grupos são tratados de forma justa, sentem-se incluídos, têm igualdade de oportunidades e são representados em todas as funções e níveis organizacionais (HOLVINO; FERDMAN; MERRILL-SANDS, 2004).

2020). Observou-se que a evolução na legislação trouxe um olhar mais atento até mesmo da sociedade sobre a inclusão, a qual deve ser acompanhada por uma visão mais abrangente, como afirmam Macedo *et al.* (2014):

> Pensar a inclusão escolar nos remete à questão da diversidade humana que invariavelmente ocorre, pois, a despeito de termos garantidos direitos iguais, somos diferentes em anseios, características, pretensões, capacidades e necessidades, que devem ser respeitadas e contempladas em todos os processos de convivência social e principalmente na formação da pessoa em instituições educacionais (MACEDO *et al.*, 2014, p. 180).

Os conceitos de liberdade e direitos assegurados por lei devem estar alinhados à inclusão e à escola, que é ambiente no qual se formam de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. É num ambiente de respeito às diversidades em que se espera investir em gerações as quais se apropriem do conhecimento com qualidade. A inclusão está inserida nesta busca por igualdade e cidadania.

4.2 Um olhar inclusivo sobre a diversidade cultural

Tratar da diversidade cultural[7], quando se remete ao letramento e à alfabetização, é trazer à discussão temas que envolvem segmentos como a educação, as políticas públicas e os conceitos enraizados, os quais devem ser repassados aos alunos de maneira crítica, a fim de conscientizá-los sobre a importância das raízes culturais. Como afirma Nascimento (2016):

> Frente à diversidade cultural, política e subjetiva que cada aluno traz consigo, num cenário em que os professores também carregam concepções enraizadas, ao pedagogo compete abrir caminhos para que essas diversidades sejam expostas ao mundo como processos conscientes e como elementos constituintes do ser, os quais não podem ser descartados nas relações humanas (NASCIMENTO, 2016, p. 4).

Faz-se necessário compilar o conhecimento e a riqueza cultural em uma perspectiva mais ampla, em especial, na alfabetização, período em que são lançadas as bases pelas quais os alunos irão trilhar um caminho profissional. Para isso, é preciso que se disponibilizem projetos através dos quais as escolas sejam agentes de mudança, a dizer, segundo Borges (2015):

> Essa autonomia permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto e indireto das universidades, do Movimento Negro, de

[7] Cox Jr. (1993, p. 5-6) "à representação, em um sistema social, de pessoas com afiliações a grupos claramente diferentes em termos de significado cultural".

> grupos de capoeira ou congada, entre outros, portanto, propicia um momento de interação escola/comunidade (BORGES, 2015, p. 2).

A interação e a inclusão fazem parte de um esforço conjunto entre iniciativas públicas e privadas em favor de comunidades desfavorecidas socialmente e de onde os alunos que estão inseridos no projeto em questão são oriundos. Observa-se que se tem uma visão restrita de inclusão, que se limita de forma utópica, quando se percebe que a realidade vivenciada por gestores e professores fica aquém do que se espera alcançar em ações como o Projeto Travessia. De acordo com Schuster (2016):

> A escola é vista tendo uma função social que compartilha com as famílias a educação das crianças, uma função política, pois contribui para formar cidadãos e uma função pedagógica, pois é um local privilegiado para transmissão e construção de conhecimentos importantes e de formas de operar intelectualmente segundo moldes deste contexto social e cultural (SCHUSTER, 2016, p. 9).

É importante que não se perca essa visão da escola, em seu papel de formar cidadãos, numa missão social, pela qual possa existir uma interação entre as partes os atores envolvidos, que busquem como bem comum, o desenvolvimento intelectual dos alunos. E só a partir daí esta seria, então, a visão de inclusão social.

4.3 As dificuldades na inclusão do ensino afro e indígena nas escolas

A exclusão social é uma realidade que engloba alguns segmentos da sociedade, afirmação até redundante, visto que ser um fato comum entre os países colonizados. O Brasil possui dois grupos, em específico, que sofreram mais com o processo de marginalização, que teve início na colonização: os povos indígenas e os povos de origem africana. Entretanto, existe uma tentativa de resgate histórico que vem sendo trabalhada dentro do contexto da educação, como pontua Borges (2015):

> Há uma década estamos vivenciamos um momento em que a educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica e superior amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira (BORGES, 2015, p. 1).

Diante desta iniciativa em resgatar a história de dois grupos – há muito são marginalizados, como se suas culturas não fossem de extrema relevância para a história e formação do povo brasileiro – fica evidenciado que, nessa busca, é importante trazer para as

salas de aula, a riqueza de povos que contribuíram culturalmente com os costumes e as tradições perceptíveis até os dias atuais, e que urge ser colocada nos currículos escolares. Nascimento (2016) afirma que:

> Trata-se de um universo que precisa ser levado para a sala de aula, mas de uma forma que retrate com maior fidelidade suas crenças, valores, cultura, história e as contribuições para o desenvolvimento do mundo que conhecemos. Uma vez que se retira tudo o que é humano, histórico e inventivo dessas culturas, esvazia-se os seus sentidos, o seu valor (NASCIMENTO, 2016, p. 5).

A constatação de que se ignora tratar de maneira inclusiva os povos que constituem a base de formação do povo brasileiro é reconhecer o lado desumano. É, portanto, inadmissível que o ambiente escolar se assemelhe, ou melhor, cristalize esse status quo. Pois, a sala de aula, como pontua a autora acima, é o espaço democrático onde o conhecimento é passado através de valores éticos e culturais, o que deveria ser aplicado desde as séries de base.

Desse modo, é importante firmar parcerias como no caso do Projeto Travessia que visam agregar com as escolas públicas, por intermédio de recursos pedagógicos e provêm meios para que os professores possam oportunizar aos seus alunos instrumentos, com o intuito de o desenvolvimento educacional se amplie.

4.4 O Projeto Travessia frente aos desafios de aprendizagem

Os desafios que as escolas enfrentam, no seu dia a dia, estão relacionados com a realidade da comunidade que atendem. Isto equivale dizer que os educadores, pedagogos e gestores precisam estar sensíveis ao entorno das instituições de ensino, bem como atentos às dificuldades e às demandas que fazem parte da vida dos alunos e de suas famílias. De acordo com Silva e Carvalho (2017):

> Para efetivação do processo de inclusão escolar, não se deve apenas pensar nos recursos e estratégias a serem utilizados, é necessário ter um olhar mais amplo, um olhar para a estrutura externa do ambiente educacional, como também para o interior da instituição, observando a forma como este aluno chega à escola e como este adentra o prédio (SILVA; CARVALHO, 2017, p. 301).

A diversidade percebida nas comunidades no entorno das escolas envolve circunstâncias e problemas sociais que não devem ser ignoradas, como pontua Nascimento (2016, p. 4): “Trabalhar a diversidade significa enfrentar o desafio da diferença e da interação entre as culturas, permitindo a afirmação da identidade dos grupos étnico/raciais que fazem parte da sociedade brasileira”. Sendo assim, é relevante que dentro dos conteúdos estejam

presentes a inserção de acontecimentos, fatos e personalidades que ajudam a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Para tanto, a utilização de instrumentos que possam agir como facilitador para a aplicação de conteúdos – no caso específico do reforço em alfabetização e letramento, através de práticas antirracistas – se mostra eficaz, por trazer à sala de aula informações que agregam conhecimento e valores para a vida de adolescentes que enfrentam seus próprios desafios na sociedade, como afirmam Silva e Carvalho (2017, p. 300): "é necessário fazer o uso de recursos que permitam facilitar o processo de ensino no decorrer do aprendizado, sejam estes equipamentos de tecnologia assistiva ou recursos materiais ou vivenciados". Logo, vivenciar através de materiais didáticos que agregam valor ao passado e ao presente favorece ao discente compreender a importância da contribuição dos povos de raiz africana que compõe a sociedade brasileira.

O conteúdo significativo contribui para que a evasão escolar seja minimizada, fato que se observa quando o aluno não alcança o objetivo em sua série, ou seja, não se encontra alfabetizado no tempo certo, o que pode causar desânimo quanto a continuidade de seus estudos, segundo Silva e Carvalho (2017):

> Observa-se, assim que não conhecer as especificidades do aluno, tem um impacto em cadeia, gerando propostas de ensino inadequadas, consequente não desenvolvimento de suas potencialidades e como última linha do processo, a evasão escolar. O desenvolvimento de ações institucionais estruturadas com base no conhecimento do aluno permite que o número de evasão do ambiente institucional reduza (SILVA; CARVALHO, 2017, p. 305).

Portanto, conhecer a realidade vai além dos limites da sala de aula. Contudo não se ignora que tal ação constitui-se mais um desafio aos educadores que lidam com mais de uma turma, por vezes trabalhando em mais de uma instituição de ensino. Apenas um esforço conjunto pode fazer a diferença na vida social e acadêmica de crianças e adolescentes matriculados no Ensino Fundamental.

5 PRELIMINAR DE CAMPO

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro, localizada em um bairro da zona norte, Jardim América. A escolha da escola para realização da pesquisa foi motivada pelo carinho e admiração que a pesquisadora e professora da Unidade tem com a comunidade escolar e ao trabalho desenvolvido pela escola no combate ao racismo, investindo na proliferação de práticas antirracistas na escola. Em 2018, ingressei no quadro de funcionários permanente da instituição e pude acompanhar de perto a dedicação e a competência dos profissionais que lá atuam.

Este capítulo será segmentado em quatro partes a serem apresentadas: 5.1 Considerações iniciais; 5.2 Contornos associados a esta pesquisa; 5.3 Preliminar de campo; 5.4 Achados.

5.1 Considerações iniciais

Estas entrevistas partiram do pressuposto da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que garante acesso direto a possíveis participantes de pesquisa, investigação de documentos sem necessidade de registro formal e nem registro público destas informações (BRASIL, 2016, p. 2).

Essa etapa realizou-se através de entrevistas com professores com formações e atuações distintas, a fim de enriquecer ainda mais a pesquisa através de olhares sensíveis e pontuais para cada questão apresentada.

Logo, esta etapa concretizou-se através de três encontros realizados em abril de 2022: Um presencial e dois virtuais, com três professores que atuam em diferentes segmentos de ensino, no município do Rio de Janeiro. Profissionais que atuam não só com crianças, mas também com a formação de docentes e com jovens do território pesquisado.

5.2 Contornos associados a esta pesquisa

Com a pandemia de COVID-19 e o isolamento social, o meio virtual tornou-se uma prática cada vez mais utilizada pelas pessoas para realizar encontros, reuniões, discussões e debates através de aplicativos de videoconferência, como *Zoom*, *Microsoft Teams*, *Google Classroom*, chamadas de vídeos por *WhatsApp*, entre outros. Desse modo, a comunicação ficou mais fácil e rápida para a realização da pesquisa. Fato esse que nos permitiu encontros à distância, a fim de realizarmos entrevista com os participantes.

Embora as perguntas realizadas fossem previamente preparadas, no decorrer da entrevista novos questionamentos apareceram na informalidade e todas as reflexões que emergiram das conversas foram anotadas.

5.3 Preliminar de campo

5.3.1 Professor 1

A primeira entrevista ocorreu em abril de 2022, através de uma ligação telefônica, realizada com um Professor Universitário, que aparenta ter entre 40 e 50 anos de idade, doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana pelo PPFH/UERJ, mestre em Educação Ciências e Saúde pela NUTES/UFRJ, especialista em Psicopedagogia clínica e Institucional pela UCAM, atuante há mais de 20 anos em diferentes segmentos educacionais em distintas funções.

A entrevista realizada baseou-se nas seguintes perguntas: a) Quais métodos podem fortalecer a questão do letramento dos alunos que chegaram ao segundo segmento sem conseguir ler ou escrever, uma vez que esses alunos não tinham acesso ao ensino remoto? b) Que propostas podemos levar para os alunos que retornaram às aulas para que sejam alfabetizados, mesmo fora da faixa etária?

O professor respondeu a primeira pergunta, com a seguinte afirmação " o melhor método para esses alunos aprenderem é o método que envolva eles, que atenda as necessidades dele, e não um modelo tradicional, falido, que será novamente um caso de insucesso". Já a segunda pergunta, foi respondida com a seguinte afirmação: "nossos jovens precisam de um olhar mais referenciado para realidade na qual vivem e estão inseridos. Portanto a identidade desses jovens deve estar atrelada ao processo de aprendizagem deles, para que os mesmos possam enxergar uma identidade e um sentido".

Devemos destacar as diferentes funções/ atribuições que o professor exerce e sua ampla experiência para colaborar com o estudo.

5.3.2 Professora e Empreendedora

A segunda entrevista ocorreu em abril de 2022, sendo realizada com uma mulher entre 30 e 40 anos, formação em Pedagogia, mestranda em Novas Tecnologias Digitais da Educação, empreendedora, que atua em um espaço próprio desenvolvido para mediar a aprendizagem do aluno e o reforço escolar, localizado na Vila da Penha.

A entrevista realizada se deu por ligação de vídeo pelo aplicativo *WhatsApp Web*. A primeira pergunta em questão foi: a) Como promover uma alfabetização significativa com os alunos que não foram alfabetizados em idade correta? Depois, b) Qual limite de crianças atendida em seu espaço por horário/atendimento? c) Como trabalhar com crianças em diferentes estágios de alfabetização e letramento dentro de uma sala de aula?

Ela nos respondeu o primeiro questionamento da seguinte forma: "utilize jogos, traga o lúdico para sala de aula, veja a necessidade de cada um e verifique como você pode trabalhar de forma inclusiva e motivadora". A segunda pergunta refere-se ao atendimento que ela realiza com alunos particulares que ela possui no espaço de aprendizagem que ela possui, tendo ela de 4 a 5 alunos por horário, mas atendendo cada um de forma individualizada. Novamente ela nos responde que os jogos, a gamificação das aulas é a ferramenta para atingir a alfabetização e letramento dos alunos em diferentes estágios, mesmo todos compondo a mesma turma.

5.3.3 Professor da Unidade Escolar

A Terceira entrevista ocorreu presencialmente na própria escola onde ocorre o projeto de alfabetização e letramento com recomposição de escolaridade no segundo segmento do Ensino Fundamental, em Jardim América, com perguntas sobre práticas antirracistas já desenvolvidas anteriormente na unidade. O entrevistado foi um professor de ciências, graduado pela UERJ, de 52 anos, 25 como professor da SME-RJ, que chegou a cursar um ano e meio de Filosofia na mesma Universidade e que, desde 2009, atua com jovens do segundo segmento em seu projeto. O profissional recebeu um prêmio pelo seu projeto "Qual é a Graça?", desenvolvido no jardim da Unidade, em que trabalha conceitos dos Objetivos Gerais de Sustentabilidade (ODS) da agenda 2030, na escola. Ele respondeu algumas perguntas para a pesquisa desenvolvida.

Tanto o diálogo, quanto a pesquisa com o professor pertencente a própria escola é de grande valor para pesquisa, uma vez que já é atuante na escola nos projetos antirracistas e de sustentabilidade. O docente respondeu as seguintes perguntas: a) Como alcançar o sucesso de combate ao bullying e de práticas antirracistas na escola? b) Como fazer que os alunos disseminem as práticas levantadas pelos professores?

O professor em questão nos respondeu que o combate ao bullying e ao racismo é uma luta diária. Luta essa que não pode enfraquecer ou ser deixada de lado. O racismo estrutural é

algo latente na sociedade e não devemos medir esforços para combatê-lo. Aproveitamos para fazer a ele o segundo questionamento, onde ele afirmou que:

> Os alunos são a maior arma que temos nessas lutas. Ensinar valores como respeito, empatia, faz com que esses jovens propaguem essas ideias de forma natural, compreendendo o que é necessário ser transmitido aos outros, fortalecendo um discurso de paz e respeito.

5.3.4 Atividade com o autor

A partir de um livro rico em ilustrações e com textos simples e fáceis de serem lidos, realizamos a leitura dos mesmos em sala de aula, para posterior discussão que lançasse luz ao contexto histórico-social em que a narrativa se passava. O autor fora convidado para uma roda de conversa, oportunizamos um evento de autógrafos na sala de leitura da escola, aproximando a realidade das crianças à possibilidade de transformação social, além da aprendizagem da leitura e da escrita proposta na pergunta final do livro.

5.4 Achados

Os achados a seguir foram obtidos através da entrevista de professores distintos e um autor de livro literário onde encontramos diferentes propostas, mas todas com a mesma visão sobre a alfabetização desses jovens: O uso de metodologias inovadoras, que aproximem a realidade deles, trará significado para o processo de alfabetização e letramento deles, promovendo uma aprendizagem significativa.

Os achados identificados nas preliminares de campo foram essenciais para o desenvolvimento de novas metodologias para o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento antirracistas no segundo segmento do Ensino Fundamental, posto que propiciaram a construção de práticas mais colaborativas, além de permitir à pesquisadora compreender a importância do protagonismo juvenil, por intermédio da interação entre os alunos.

Quadro 1 - Achados da preliminar de campo

Achados da preliminar de campo 1
• Formação continuada dos professores: É importante estar atento à qualificação do professor. Esse processo permite o desenvolvimento de novas técnicas que promovam novas práticas, principalmente com os grupos mais desafiadores. • Criação de novas propostas mais atraentes para os alunos: Fazer uso das ferramentas tecnológicas como facilitadoras do processo de aprendizagem, permitindo assim a possibilidade de alfabetização, mesmo fora da faixa etária, mas com jogos analógicos.

Achados da preliminar de campo 2
• Trabalhar com jogos: Desenvolver os processos de ensino-aprendizagem a partir do lúdico. • Trabalhar com estações de conhecimento: estabelecer um grupo de 4 a 6 jovens promovendo agrupamento entre eles; propostas diferentes de trabalho; rodízio de tarefas. • Trabalhar com os sentidos: Trabalhar atividades sensoriais; trabalhar com o sentido de empatia, amor e carinho; estabelecer combinados. • Trabalhar com tema gerador: Unificar um tema para facilitar a troca de experiências entre os alunos. • Estabelecer uma rotina. • Colocar liderança nos grupos para ajudar no ensino. • Autoavaliação dos alunos.
Achados da preliminar de campo 3
• Trabalhar Valores: A empatia, o sentimento, as relações na escola são muito importantes. Esses alunos precisam sentir-se acolhidos para que o processo de alfabetização possa ocorrer. • Protagonismo Juvenil: Aluno com a responsabilidade de compartilhar seus saberes. • Transferir responsabilidades: estabelecer tarefas para os alunos, para que eles possam se sentir importantes e com isso disseminar, multiplicar as práticas desejadas pelo professor na escola.
Achados da preliminar de campo 4
• Desenvolvimento prático da leitura e escrita. • Aproximação da realidade social do aluno ao tema do livro. • Leitura Visual.

Fonte: Autoral, 2023.

As preliminares de campo foram de grande importância para reforçar conceitos antes conhecidos pelos professores, mas que muitas vezes naturalizamos no cotidiano. Percebeu-se que o aluno pode ser protagonista nas ações didáticas, através da responsabilidade a ele imputada, colaborando com a melhora do seu processo de ensino-aprendizagem, em conjunto os demais colegas de turma. O protagonismo juvenil é outro ponto importante a ser destacado, uma vez que ações e tarefas desenvolvidas muitas vezes ocorreram de forma colaborativa em sala de aula.

Espera-se ao final que as verberações desse trabalho promovam saberes plurais, que viabilizem o combate ao racismo estrutural, a partir da ampliação das discussões que atuem em suas diversas manifestações sociais sobre racismo.

Acredita-se que a pesquisa confronta dados da literatura com o campo. Contudo, entendo que há uma necessidade de aprofundamento da realidade com dados bibliográficos e da uma parceria da família para consolidação das questões relacionadas à alfabetização desses jovens, que atualmente estão em turmas de recomposição de aprendizagem.

6 CAMPO

6.1 Relato de caso

O presente relato baseia-se na descrição reflexiva dos desdobramentos vivenciados em uma determinada escola municipal da prefeitura do Rio de Janeiro, cuja turma – mais que especial – fora constituída por alunos que concluiriam o Ensino Fundamental I, em meio à pandemia de COVID-19, mas que não tinham seu processo de alfabetização e letramento concretizados. O Projeto Travessia – assim denominado – fora pensado apenas para o ano de 2022, a fim de equacionar, na medida do possível, tal distorção. A experiência consolidou-se no 2º e 3º bimestres do ano letivo acima mencionado.

A estrutura da escola é bem antiga e pouco acessível. Entretanto, é bem localizada dentro do bairro onde se encontra: ao lado da FAETEC, próximo ao ponto de ônibus, à linha de trem e com acesso fácil – tanto à avenida Brasil, quanto à Rodovia presidente Dutra. A Escola Municipal Herbet Moses, EMHM, é instituição de três turnos distintos, que fica na área urbana, conta com aproximadamente 900 alunos, distribuídos entre os turnos.

A instituição apresenta, em suas dependências, sala de leitura, sala holística, auditório recém reformado pela atual gestão, dois pátios (um deles estruturado para educação física, onde foram instaladas uma tabela e uma trave), jardim de memórias de cultura afro-brasileira, horta escolar, quadra poliesportiva, quadra de terra. Além disso, a escola possui refeitório, cozinha, dispensa, secretaria, almoxarifado, sala de recursos multifuncional, sala ambiente para o exercício das Artes, doze salas de aulas, cuja capacidade comporta 24 turmas (12 pela manhã e 12 pela tarde, do 6º ao 9º ano). O turno noturno comporta 7 turmas (três de EJA/ Bloco 1 – alfabetização e Fundamental I e quatro de EJA/ bloco 2 – Fundamental II).

A atual direção assumiu em 2018, e, desde então, investe em melhorias, tanto em relação ao espaço físico; quanto em relação às propostas pedagógicas, em busca de um ensino de maior qualidade. Para tanto, os investimentos, que já ocorriam antes do período de isolamento social, causado pela pandemia de COVID-19, foram intensificados no período posterior, como se pode observar como na reforma do espaço físico e na aquisição de recursos tecnológicos, a fim de incentivar os professores a desenvolverem o trabalho já iniciado durante o ensino remoto emergencial.

Destacamos a postura da atual gestão, sempre em consonância com as ações positivas, voltadas à alfabetização e ao letramento dos alunos, com fornecimento de materiais aos professores, com o intuito de fornecer o maior aparato possível, a fim de incentivá-los a melhorar o desempenho dos alunos. Para Soares (2000):

> Alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada saber ler e escrever. Uma criança letrada tem o hábito, as habilidades, o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos (SOARES, 2000 *apud* GALVÃO, 2018, p. 2).

Nesse contexto pós-pandemia a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ manteve um olhar sensível e atento aos alunos que não tiveram acesso ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e que estavam consolidando seu processo de alfabetização e Letramento. Em razão disso, criou-se no ano de 2022, dentro da CEF – Coordenadoria do Ensino Fundamental, o Projeto Travessia, cujo objetivo era abraçar os alunos com defasagem nas questões de alfabetização. Segundo Soares (2003, n. p.), "Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno", o que o faz ser coautor de seu processo de aprendizagem.

A aprendizagem não é um processo espontâneo, ou seja, demanda sempre a mediação de outro individuo mais capaz ou mesmo de pares (outros colegas). Desse modo, Libâneo (2006) afirma que:

> O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modos de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. Isso não é, de forma alguma, espontâneo, nem depende somente do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Depende de uma estrutura organizacional forte, da atuação da escola e dos professores como adultos que realizam a mediação cultural; depende de que suscitem nos alunos o desejo de aprender, de serem melhores pessoas, de compreender melhor as coisas (LIBÂNEO, 2006, p. 92).

Outra importante ação da direção é o combate ao bullying, a todos os demais tipos de preconceitos em especial, o racismo. Para tal objetivo, houve investimento na construção do "Jardim da Concórdia", que lança luz à memória de uma criança trazida à força da África, junto com sua família, para trabalhar nas lavouras de café fluminense. A dor do rompimento físico com sua terra natal contrasta com a construção de um lugar sem vínculos afetivos para esses novos indivíduos que aqui chegaram.

Todo projeto desenvolvido na escola apresenta um cunho fortemente antirracista. Importante destacar o impacto promovido pela formação da orquestra Manoel do Congo e pela criação do grupo de Dança Maria Quitéria. Desse modo, percebe-se que a escola mantém como princípios inquestionáveis o atendimento às demandas por diversidade, por valorização

dos povos originários e dos povos negros, elementos de memória e conscientização para todos que passam pela instituição.

A sala de aula é um espaço de interação mútua. A alfabetização demanda um processo sistemático, metodológico, intencional e planejado e a escola é o espaço social encarregado de promover esse processo de forma eficiente e com afetividade, além de ser um processo permanente que se estende para toda vida do educando. Para Soares (1985), o processo de alfabetização consiste não só a aquisição da língua escrita, mas também o seu desenvolvimento. Para a autora alfabetização consiste na aquisição da escrita, da leitura, ou seja, "a alfabetização, entendida como processo de aquisição e de apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico" (SOARES, 2004, p. 16).

O processo de alfabetização, para se concretizar, segundo Soares (1985), deve permitir a aprendizagem não somente de uma tradução do oral para o escrito (sentido básico ou restrito), e deste para aquele, mas á autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de compreensão.

A escola propicia ao professor autonomia necessária para desenvolver ações favoráveis ao atendimento das demandas da educação individualizadas, com critérios específicos, que minimizem a deficiência de aprendizagem resultante processo de alfabetização e letramento. Princípios garantidos por meio de estratégias estabelecidas no ambiente de desenvolvimento do jovem aprendiz.

Preocupada com a recomposição da aprendizagem desses jovens, a EMHM investiu em recursos, ferramentas tecnológicas, formação continuada – tanto na área da alfabetização, quanto das tecnologias na educação –, ampliando as possibilidades metodológicas do docente na atuação com esse grupo em questão, o que permitiu aumentar a eficácia na mediação tecnológica, principalmente com os discentes que tiveram dificuldades ao acesso, durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

No final de 2021, ocorreu uma nova eleição e a gestão apresentou como proposta melhorar os indicadores da escola, pautados no plano de gestão ligados à diversidade cultural, à inclusão, à alfabetização/recomposição da aprendizagem, além da realização de projetos extracurriculares como mostra de dança, jogos estudantis, orquestra e tecnologias digitais na educação. Para Silva e Leme (2009, p. 6), "a direção escolar é um dos processos da gestão de uma organização escolar, concretizada na tomada de decisões sobre a organização e a coordenação dos trabalhos. O nível de participação dada ao coletivo define o estilo da gestão".

A SME-RJ lançou o projeto Travessia em 2022 como uma medida para recompor a aprendizagem desses jovens que não tinham idade para estar na EJA mas que entretanto chegaram ao segundo segmento com seu processo de alfabetização comprometido.

É o letramento e a alfabetização que desenvolvem as habilidades, as quais capacitam o indivíduo a interpretar o que lê, além de ser capaz de realizar questionamentos para compreender o texto. Portanto, é por meio do letramento que se chega à alfabetização, embora sejam processos distintos, tornam-se complementares e não se dissociam no processo de aprendizagem, como afirma Soares (2000) destaca:

> [...] a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada (SOARES, 2000, p. 24).

Pode-se observar que, quando há letramento, ainda que não possa ser considerada alfabetizada, ao se envolver com o livro, fantasiando estar lendo, sejam livros ilustrados ou não, a criança já está inserida no universo da leitura. Soares (2004) afirma ainda que:

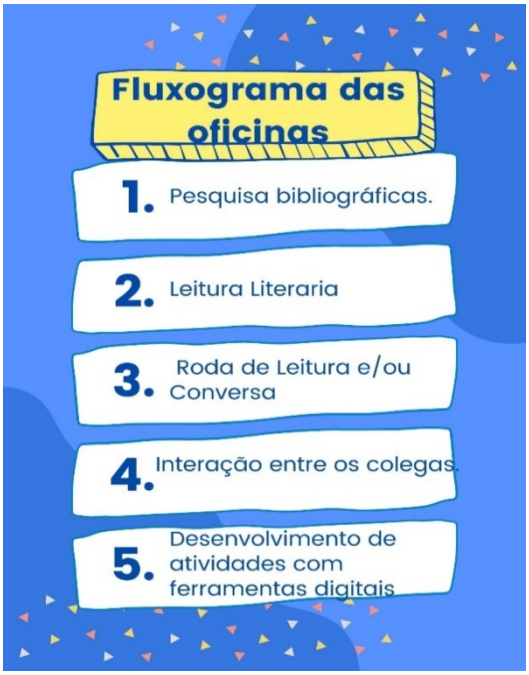
> Alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização [...] (SOARES, 2004, p. 14).

Desta forma, reconhece-se a interdependência do letramento e da alfabetização com processos distintos – ainda que complementares –, o que é corroborado por Vygotsky (2010, p. 56): "contudo, não se pode imaginar esse processo substituição de algumas formas de pensamento e de algumas fases de seu desenvolvimento como um processo puramente mecânico, acabado e concluído".

6.2 As oficinas pedagógicas

A partir dos conhecimentos sobre alfabetização e letramento, elaborou-se a organização das oficinas pedagógicas, propostas pela pesquisadora, estruturadas a partir dos elementos norteadores, no momento do seu desenvolvimento, conforme a ilustração abaixo:

Figura 1 - Fluxograma das oficinas



Fonte: Autoral, 2023.

As oficinas foram desenvolvidas utilizando a temática antirracista, a fim de favorecer um ambiente de conscientização e combate ao racismo e o desenvolvimento de práticas antirracistas, propiciando uma compreensão crítica do tema tão sensível à sociedade, mas sem esquecer a ludicidade, significativa, interdisciplinar e inclusiva.

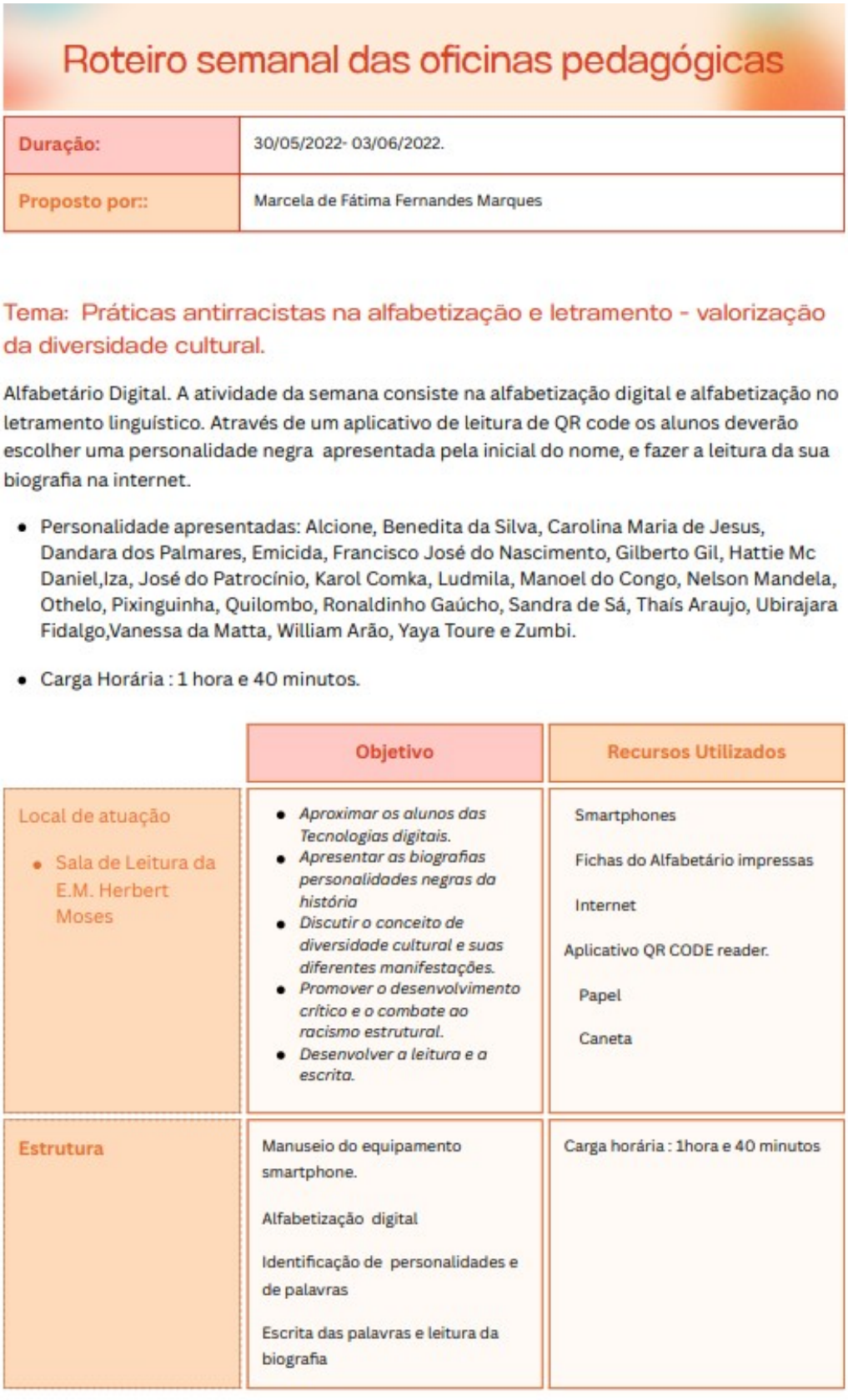
A prática desenvolveu-se, sequenciada e interligada, através destas ferramentas: Revisão Bibliográfica; Leitura Literária; Roda de Leitura e/ou conversa; Interação entre os colegas; Desenvolvimento de atividades com tecnologias digitais.

A partir do que foi colocado e consubstanciado pela afirmação de Candau (1999, p. 11), que define as oficinas como “espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências”. A autora afirma também que:

> A oficina é concebida como uma realidade integradora, complexa e reflexiva, na qual a relação teoria-prática é a força motriz do processo pedagógico. Esta orientada à promoção constante da comunicação com a realidade social e para ser um grupo de trabalho altamente participativo no qual cada um é um membro a mais do grupo e da sua contribuição específica (CANDAU, 1999, p. 11).

Para melhor compreender o desempenho das oficinas, a figura abaixo apresenta o modelo de roteiro por elas desenvolvido, mediante a mediação e organização do trabalho docente.

Figura 2 - Roteiro semanal das oficinas pedagógicas



Roteiro semanal das oficinas pedagógicas

Duração:	30/05/2022- 03/06/2022.
Proposto por::	Marcela de Fátima Fernandes Marques

Tema: Práticas antirracistas na alfabetização e letramento - valorização da diversidade cultural.

Alfabetário Digital. A atividade da semana consiste na alfabetização digital e alfabetização no letramento linguístico. Através de um aplicativo de leitura de QR code os alunos deverão escolher uma personalidade negra apresentada pela inicial do nome, e fazer a leitura da sua biografia na internet.

- Personalidade apresentadas: Alcione, Benedita da Silva, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Emicida, Francisco José do Nascimento, Gilberto Gil, Hattie Mc Daniel,Iza, José do Patrocínio, Karol Comka, Ludmila, Manoel do Congo, Nelson Mandela, Othelo, Pixinguinha, Quilombo, Ronaldinho Gaúcho, Sandra de Sá, Thaís Araujo, Ubirajara Fidalgo,Vanessa da Matta, William Arão, Yaya Toure e Zumbi.
- Carga Horária : 1 hora e 40 minutos.

	Objetivo	Recursos Utilizados
Local de atuação • Sala de Leitura da E.M. Herbert Moses	• *Aproximar os alunos das Tecnologias digitais.* • *Apresentar as biografias personalidades negras da história* • *Discutir o conceito de diversidade cultural e suas diferentes manifestações.* • *Promover o desenvolvimento crítico e o combate ao racismo estrutural.* • *Desenvolver a leitura e a escrita.*	Smartphones Fichas do Alfabetário impressas Internet Aplicativo QR CODE reader. Papel Caneta
Estrutura	Manuseio do equipamento smartphone. Alfabetização digital Identificação de personalidades e de palavras Escrita das palavras e leitura da biografia	Carga horária : 1hora e 40 minutos

Fonte: Autoral, 2023.

Nesse sentido, o planejamento é a ferramenta essencial, que norteia o processo de ensino-aprendizagem, visto que direciona as ações do professor, a fim de propiciar as possibilidades de sucesso com os objetivos traçados. Ao traçar o planejamento, coloca-se em prática a ação que se tem em mente, através das estratégias. Assim, consegue-se, por fim, mediar o processo de ensino aprendizagem.

A respeito da mediação pedagógica, Braga e Prado (2022, p. 53-54) afirmam que "o ser humano mediado por outro ou por instrumentos que facilitem o processo de aprendizagem terá possibilidade de ampliar suas relações com o mundo, com os estímulos à sua volta e, assim, criar conexões para o desenvolvimento de sua inteligência.", ao passo que quando o professor planeja, ele realiza uma mediação pedagógica, cujo objetivo é transformar e organizar as estratégias que visam o desenvolvimento integral do sujeito.

Neste presente estudo, observou-se que ao valorizar o potencial de cada um dos alunos do segundo segmento não-concluintes no processo de alfabetização e letramento na idade correta, realizou-se uma mediação emocional que motiva, incentiva e estimula, capaz de organizar com equilíbrio, credibilidade e empatia o processo de ensino-aprendizagem. Braga e Prado (2022, p. 52), asseveram que "a mediação pedagógica é um processo de interação que pode acontecer entre os diversos sujeitos da escola".

Todo professor é potencialmente um mediador, ou seja, o papel deste está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento do aluno, como afirmam Braga e Prado (2022, p. 53-54): "o ser humano mediado por outro ou por instrumentos que facilitem o processo de aprendizagem terá possibilidade de ampliar suas relações com o mundo, com os estímulos a sua volta e, assim, criar conexões para o desenvolvimento de sua inteligência". Portanto, a assertividade no planejamento proporciona uma objetividade maior e o sucesso no que se deseja alcançar.

Entretanto, o professor não deve se esquecer de que há uma correspondência entre os objetivos, os conteúdos, os métodos e as avaliações utilizadas, bem como da necessária flexibilidade, já que o plano de ação pode sofrer alterações em diversas etapas, desde a elaboração até a prática. Para Libâneo (1995, p. 221) "O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado a avaliação", o que reverbera nos resultados esperados no desempenho dos alunos.

Consolidando a proposta de Libâneo (1995), o Roteiro de oficina pedagógica também apresentou um caráter avaliativo. Braga e Prado (2022), ao se referirem aos instrumentos avaliativos ligados a uma educação voltada para a inclusão de todos os grupos sociais, os

professores precisam atentar às necessidades e especificidades para construção do conhecimento do aluno. Neste sentido:

> Os instrumentos devem servir para avaliar o processo e observar o que pode ser feito para além dos conhecimentos que já são do domínio do aluno, assim como para encontrar melhores caminhos e propostas de ensino. As avaliações também devem servir para perceber se o professor encontrou as estratégias adequadas ou se precisa pensar em outras, porque o ato de ensinar é um constante movimento de busca (BRAGA; PRADO, 2022, p. 109).

Desse modo, o roteiro analisado cumpriu sua função na percepção e registro do desenvolvimento dos alunos nas oficinas, como também proporcionou uma ampliação das estratégias utilizadas, recursos e métodos, o que permitiu ao professor uma reflexão sobre a prática e as próximas ações a serem desenvolvidas.

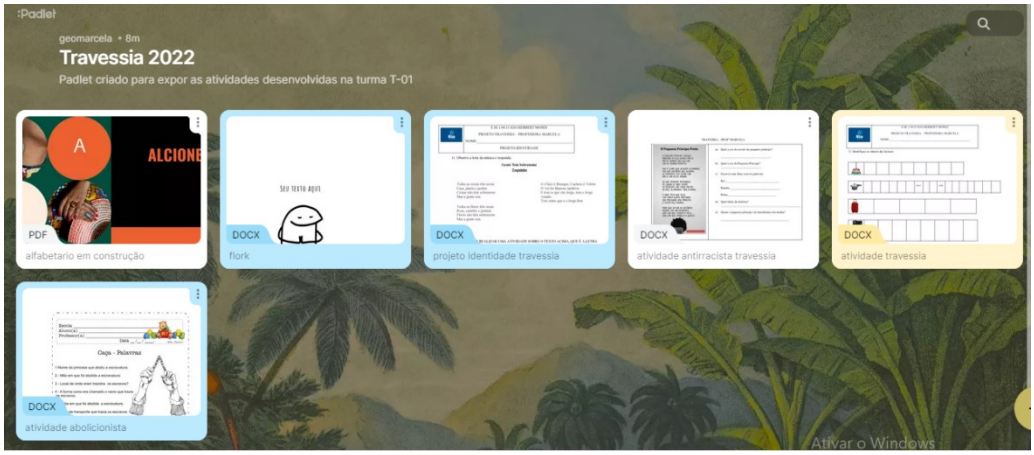
A estruturação de um mural virtual, por meio da utilização do *Padlet*, ferramenta digital, permitiu que toda construção das experiências fosse registrada, o que resultou na confecção de um portfólio coletivo. Assim, a pesquisadora atua como uma orientadora comunicacional e tecnológica e incentiva o florescer de outras formas de expressão, de interação, de troca de linguagens, de conteúdos e de tecnologias. Logo, podemos afirmar que os alunos aprendem também pelo estímulo, pela motivação de alguém, que transmite credibilidade e que facilita a comunicação e a disposição para a troca experiências.

Campbell (1996 *apud* POSSOLLI; GUBERT, 2014) relata que o portfólio é uma documentação organizada que visa o desenvolvimento dos alunos, colocando-o como protagonista no processo de ensino-aprendizagem, não podendo ser confundido como um arquivo de anotações e apontamentos apenas, tão pouco como uma coleção de propostas de ensino.

E por ter um formato digital, o *Padlet*[8] colaborou com o processo de aprendizagem do grupo, por meio da construção coletiva de trabalhos, os quais permitiram novos saberes, engajando os alunos nas propostas desenvolvidas. Esse recurso proporcionou maior participação dos alunos na construção coletiva dos trabalhos.

[8] https://padlet.com/geomarcela/travessia-2022-cjc5c5ry5fqlir7t

Figura 3 - Travessia 2022



Fonte: Autoral, 2023.

O mural acima teve como objetivo reunir as principais produções, impressões e avaliações, referentes à alfabetização e ao letramento dos alunos da turma T-01 da E.M. Herbert Moses. A literatura nos mostra que promover práticas de alfabetização aliadas ao letramento é de suma importância para proporcionar a inclusão dos discentes na escrita. Segundo Mortatti (2019, p. 13), "pelo menos, dentre essa multiplicidade de aspectos, as discussões e propostas em torno do letramento, entendido ora como complementar à alfabetização, ora como diferente desta e mais desejável, ora como excludentes entre si". Nesse sentido, a autora pontua as dissonâncias dentro do contexto do letramento, sem, contudo, excluir a importância no processo de alfabetização. Cabe ao educador criar possibilidades para que o conhecimento seja construído em sintonia com os educandos, investindo na interação com o letramento, ao mesmo tempo em que se apropria da escrita.

Outras ferramentas digitais também foram utilizadas para promover as atividades das oficinas de letramento e de alfabetização como *YouTube*, *CapCut* (para edição de vídeos autorais) e o alfabetário digital antirracista de autoria própria, com a biografia de personalidades negras de conhecimento dos alunos. O docente propiciou um ambiente facilitador na construção da recomposição da aprendizagem desses jovens que vivenciaram novas experiências na sala de aula, ao utilizar a ludicidade, ao promover a colaboração e a criatividade desses alunos, os quais puderam interagir e promover a autoaprendizagem de forma crítica. Conforme Giroto, Poker e Omote (2012), podemos afirmar que:

> As novas gerações estão crescendo em uma sociedade da informação e os sistemas educacionais precisam se adaptar a essa nova realidade, não podem ficar alheios a tal fato. Os recursos da TICs devem ser amplamente utilizados a favor da educação de todos os alunos, mas notadamente daqueles que apresentam peculiaridades que

> lhes impendem ou dificultam a aprendizagem por meios convencionais (GIROTO; POKER; OMOTE, 2012, p. 17).

Convém destacar que no pós-pandemia do novo coronavírus, verificou-se a urgência ao acesso digital dos educandos. “Nenhuma escola estava preparada para a educação em tempos de pandemia” (GABRIEL *et al.*, 2021, p. 1). As escolas, principalmente as públicas, foram as que mais sofreram com o isolamento, quando, repentinamente, tiveram de se adequar a um projeto de ensino remoto que ainda se encontrava em estágio incipiente e embrionário, que exigiu dos alunos, docentes, funcionários e gestores flexibilidade, paciência e adaptação a uma realidade difícil, que relatou o quão desigual continua a ser o próprio acesso à educação (SANTOS JÚNIOR; MONTEIRO, 2020).

Frente ao desafio que se apresentou em recompor todo o déficit de aprendizagem em decorrência da pandemia, a ausência dos recursos tecnológicos constituiu-se num retrocesso às metodologias ativas, bem como as temáticas na administração de conteúdos, visto que durante a pandemia não foi possível a abordagem na íntegra. Ao realizar uma análise numa turma de 6º ano, oriunda do período pós-pandemia, podemos verificar uma dificuldade acima do esperado em termos de leitura e escrita e de uma debilitada compreensão de textos.

Os docentes se encontraram diante de desafios que se acentuaram aos que já lhes são comuns nessa fase do Ensino Fundamental, requerendo destes, uma responsabilidade ainda maior, bem como da equipe pedagógica, ações que incentivem o corpo docente, a fim de se sentirem motivados e desta forma, incentivar seus alunos no resgate das competências defasadas. De acordo com a BNCC (2017):

> Temos um documento relevante, pautado em altas expectativas de aprendizagem, que deve ser acompanhado pela sociedade para que, em regime de colaboração, faça o país avançar. Assim como aconteceu na etapa já homologada, a BNCC passa agora às redes de ensino, às escolas e aos educadores. Cabe ao MEC ser um grande parceiro neste processo, de modo que, em regime de colaboração, as mudanças esperadas alcancem cada sala de aula das escolas brasileiras. Somente aí teremos cumprido o compromisso da equidade que a sociedade brasileira espera daqueles que juntos atuam na educação (BRASIL, 2017, p. 5).

Embora antes da pandemia já existissem muitos estudos que apresentavam tanto as TICs, como as metodologias ativas enquanto possibilidades de ensino, esses recursos foram muito potencializados no contexto pandêmico e repercutem ainda como muito necessários em um cenário pós-pandêmico. A formação continuada compõe-se de uma série de cursos livres de capacitação, de atualização e de aperfeiçoamento na literatura, o que promove uma série de complementos pedagógicos e pontuações com as quais os professores aprimoram e

especializam currículos. Ações fundamentais ao labor professoral, segundo as ideias de Cunha (2022) e Fettermann e Tamariz (2021).

Mediante às formações propostas pela plataforma EADEPF – da Escola Paulo Freire de formação dos professores da rede municipal do Rio de Janeiro, uma iniciativa foi lançada à turma em 2022 que foi a proposta nas experiências de vivências e de sensibilidade, como o alfabetário digital, que permitiu aos alunos a criarem uma conexão entre os saberes tecnológicos e o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A recomposição da aprendizagem vai além do currículo. Ela envolve o tempo de estudo, práticas pedagógicas, avaliações diagnósticas e material didático compatível com a necessidade do educando. A priorização em habilidades estruturantes da linguagem é de suma importância para que o processo se torne efetivo.

Essa etapa foi importante, posto que os alunos se empenharam em aprender e mexer com os leitores de *QR Code*, e, assim puderam compartilhar as ideias construídas além dos muros escolares. Com isso, rodas de leituras e/ou conversas fizeram parte do contexto das oficinas pedagógicas, organizadas em círculos, socializavam-se os saberem apreendidos, para daí, discutirem a biografia das personalidades específicas de escolha do discente.

A roda era usada para trocarem informações sobre a personalidades em questão, como também para abordar as semelhanças entre essas personalidades e a história de vida de cada aluno, destacando as similaridades. Os alunos se colocavam como exemplos, compartilhavam vivências ligadas às atitudes racistas que cada um sofreu.

No início eram bem tímidos, mas aos poucos foram criando coragem, e por último praticamente todos já tinham feito comentários e/ ou opinião sobre a vida da personalidade apresentada.

Esta abordagem permitiu o desenvolvimento da oralidade, das emoções e do posicionamento individual de cada discente, os quais exercitaram a argumentação de seus apontamentos, como a compreensão pela visão do colega em uma outra determinada situação. Assim, um compartilhava com o outro as suas opiniões.

Segundo Guerriero e Minayo (2019), a construção dos significados acontece na interação humana, através do diálogo, num processo intersubjetivo onde cada um faz sua síntese pessoal. Moura e Lima (2014) ponderam que esse espaço pode configurar-se em uma forma de produção de dados, onde o pesquisador se enquadre como sujeito da pesquisa pela participação na conversa, para posterior produção de dados para discussão.

Figura 4 - Travessia Profa. Marcela



Fonte: Autoral, 2023.

A escuta do colega encorajou os demais a participarem. Segundo Cunha (2014, p. 24), "se consideramos que educar para a diversidade é inserir distintas ideias, características e modos de ser em nosso trabalho, percebendo o biólogo e o social, o afetivo e o racional de todos nós, estaremos ampliando nosso olhar". A técnica, as metodologias e as ações utilizadas nas oficinas tiveram como objetivo entrelaçar as ideias de forma interdisciplinar, no encorajamento de uma cultura antirracista, ressignificando o trabalho docente e o fazer pedagógico do professor.

As rodas de conversa e/ou leitura sobre o livro Da minha janela ampliaram as discussões acerca da temática trabalhada, através da narrativa social relatada no livro com formação de palavras simples, aproximação da realidade, através da qual os alunos puderam olhar para si e para o outro, compartilhando suas experiências e impressões sobre questões relativas ao seu convívio diário onde eles residem.

Figura 5 - Roda de leitura



Fonte: Autoral, 2023.

Os livros selecionados abordam a temática da convivência entre moradores em comunidades cariocas menos abastadas, destaca suas particularidades, como o deslocamento por motocicletas, as roupas estendidas nas janelas, as manifestações culturais, os sonhos dos jovens, que veem no futebol a possibilidade de vencer economicamente na vida.

O caráter interdisciplinar das oficinas pedagógicas provocou uma melhora no desempenho dos jovens, principalmente no que se refere às habilidades de leitura e de escrita. Por meio do texto literário, eles se apropriaram da escrita correta das palavras, e ampliaram o repertório vocabular, pelo fato de pesquisarem os significados das palavras pouco utilizadas no dia-a-dia. Ao analisarem o livro, o assunto, as mensagens que o autor quis passar para os leitores, os alunos foram desenvolvendo habilidades específicas da linguagem, mas principalmente da leitura de mundo. Segundo Freire (2006):

> A leitura do mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura

> crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2006, p. 9).

Nesse processo de leitura dos textos, os alunos iam aprendendo mais sobre as palavras e desenvolvendo uma visão crítica de mundo, pautada no combate ao racismo estrutural e passaram eles mesmos a atuar em prol do desenvolvimento de práticas antirracistas. Segundo Davis (2016), “em uma sociedade racista, não basta não ser racista: é necessário ser antirracista”.

Este processo é justamente o que desarticula todos os elementos que sustentam o racismo e seus efeitos negativos à população negra. Por intermédio daquelas folhas bem coloridas, convidativas com imagens, o propósito de desenvolvimento da escrita e leitura foi pouco a pouco ganhando espaço.

Figura 6 - Formação de palavras



Fonte: Autoral, 2023.

Trabalhar com a literatura antirracista na sala de aula permite a esses jovens a configuração de um fortalecimento de identidade étnico-racial, o que promove múltiplos

relacionamentos interpessoais, como também configura uma formação crítica da visão de mundo, a qual promove positivamente a narrativa de resistência histórica da população negra.

Para abordar a temática antirracista, foram utilizados livros da literatura infanto-juvenil em conjunto com ferramentas tecnológicas, a fim de despertar o interesse, a criatividade, a oralidade, a escrita e a leitura desses jovens, de modo a aproximar ainda mais a experiência escolar da realidade deles. Reflexões e conceitos foram levantados em relações a práticas racistas da sociedade. No entanto, as práticas antirracistas que permeiam a sociedade também precisam ser difundidas para diluir os obstáculos que enfrentam, não distinto no espaço escolar.

Os livros utilizados nas oficinas foram: “O pequeno Manual antirracista”, de Djamila Ribeiro; “Da minha Janela”, “O Chefão lá do Morro” e “Maria Preta”, de Otávio Junior; e a coleção *Black Power*, com destaque para “Carolina – Carolina Maria de Jesus” de Orlando Nilha.

Figura 7 - Obras literárias utilizadas nas rodas de leitura



Fonte: Autoral, 2023.

As narrativas literárias que permeiam o universo dos livros apresentados, basicamente exploram temas relacionados à exclusão social, à dificuldade da parcela negra da sociedade, e apontam caminhos como superar o racismo em uma sociedade tão marcada pelas ações históricas de exclusão e inferiorização da população negra.

Essas obras representam e valorizam a história dos negros com suas diferenças e sua diversidade. O que pode ser identificado na obra de Djamila Ribeiro – "Pequeno Manual Antirracista" – é que como o racismo no Brasil está tão enraizado na sociedade que estruturalmente precisamos combatê-lo com urgência. Já o livro "Carolina – Carolina Maria de Jesus", de Orlando Nilha, traz a história da mulher negra, excluída, que para sobreviver em São Paulo, tornou-se catadora de papel. Entretanto, ao achar pedaços de livros, revistas ou jornais, levava-os para casa e, com isso, desenvolvia a leitura. Mesmo com uma vida muito difícil, começou a registrar o cotidiano da favela em que vivia, Canindé. Através de sua sensibilidade, criou um jeito próprio de retratar aquele universo triste, marcado pelo preconceito. Assim, Carolina publicou seu primeiro livro, com a ajuda de um repórter paulista, "Quarto do despejo: diário de uma favelada", quando realizou seu sonho de tornar-se uma escritora. O livro é clara menção à grande poetisa Carolina de Jesus, evidentemente.

O livro "Da minha Janela" traz de forma lúdica e divertida um olhar para favela carioca. Com cores vibrantes e ilustrações criativas, o dia-a-dia de uma favela no subúrbio carioca, o qual é retratado com humor e realidade. A familiaridade do contexto narrativo aproxima o aluno da literatura e de seu universo. "Maria Preta", do mesmo autor, narra a história de uma mulher que, com muita ternura e esperança, espalha pelo morro sua força, mesmo com o passar do tempo, alimenta e cuida de todos que ali vivem. Já "O chefão lá do morro" nos mostra que por trás de cada morador de comunidade no Rio de Janeiro existe um sentimento de esperança, alegria, e justiça, valores que almejam ao direito de ir e vir com segurança dentro da cidade.

As produções supracitadas de alguma forma resumem e apresentam situações voltadas às temáticas das oficinas pedagógicas realizadas. Demonstram que as diferenças não devem ser encaradas como algo negativo e que o ambiente desfavorável vivido, a exemplo das pessoas negras, moradoras de áreas periféricas, as quais mais sofrem com as práticas discriminatórias e preconceituosas, não as impede um relacionamento de respeito, empatia, entre os cidadãos, em suas diversas manifestações e formas de vivência neste mundo.

Os jovens da turma do Travessia, durante todas as etapas das oficinas, se envolveram e se colocaram nas rodas de conversa, socializando tanto suas experiências negativas quanto

positivas, em relação ao racismo e ao preconceito em geral. Cautela e cuidado foram situações primordiais para não causar nenhum constrangimento.

Em certo momento um dos jovens da turma relatou a similaridade de locomoção dos espaços do local de sua moradia com o narrado no livro “Da minha janela”, reforçando e aproximando a sua realidade com a que fora apresentada no livro.

E desta maneira todos os alunos compartilharam seus apontamentos e debateram sobre as dificuldades de se conseguir combater o racismo estrutural, pelo fato da sociedade ainda não enxergar atitudes constrangedoras e inferiorizantes, em relação à população negra. Esse assunto provocou uma discussão e um debate bastante interessante, enquanto outros corroboravam com escuta da fala do outro, até o ponto de começarem a construir pequenos textos relatando as injustiças sociais.

Na última oficina baseada na formação de palavras, vários alunos puderam identificar-se com a poesia e percebemos em conjunto, que através da leitura e escrita, é possível alcançar lugaress de fala na sociedade.

Figura 8 - Meu cabelo



Fonte: Autoral, 2023.

É evidente que o sonho dos jovens em escrever poesias, *raps*, *slam*, potencializa-os a romper as barreiras do ódio, do preconceito e da exclusão. Sendo assim, Soares (1989) traz:

> Tenho sido uma pessoa muito ocupada porque tenho vivido – e sofrido – a contradição entre o inconformismo com a realidade social, que exige análise e pesquisa, fundamentos da crítica, e o compromisso com a prática, que obriga à ação, persistente, infatigável e nem sempre bem compreendida, porque exercida dentro dessa mesma realidade que se crítica (SOARES, 1989, p. 76-78).

O conceito de cidadania consiste na participação ativa na sociedade, a fim de transformá-la, por meio do exercício dos nossos direitos e deveres (PENA, 2020). Portanto, alfabetizados e analfabetos têm condições de exercer a cidadania. De acordo Soares (2017):

> A relação entre alfabetização e cidadania pode ser analisada sob duas perspectivas, aparentemente contraditórias: de um lado, é preciso negar, de outro, é preciso afirmar a vinculação entre o exercício da cidadania e o acesso à leitura e à escrita. [...] comecemos pela negação: a alfabetização – o acesso à leitura e à escrita não é imprescindível ao exercício da cidadania, nem mesmo à conquista da cidadania – declaração [...] necessária, para que possamos desenvolver uma reflexão que nos salve de sermos ingênuos, utópicos ou simplistas (SOARES, 2017, p. 170).

Nas oficinas pedagógicas antirracistas, os conceitos de alfabetização e de letramento trabalhados pautaram-se no modelo pedagógico, postulado nas propostas expostas nos livros didáticos, nas rodas de conversa lúdicas ou na elaboração de frases nas produções de texto. Dessa forma, percebemos como elas têm relativa noção quanto aos direitos e aos deveres a serem desenvolvidos, como um longo caminho em busca da desconstrução de estereótipos, sobretudo no ambiente escolar.

7 ACHADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO RELATO DE CASO

A etapa de análise de dados é um momento muito importante para a pesquisa, já que é nela que será possível perceber se a problemática levantada inicialmente foi mitigada e se os recursos utilizados para tal alcance foram capazes de resolver a questão apresentada e se a crença norteadora pôde ser comprovada.

Segundo Lakatos e Marconi (2002), o conhecimento científico lida com fatos reais, é contingente, pois comprova a veracidade ou falsidade das hipóteses propostas inicialmente e é sistêmico, já que liga ideias ordenadamente que compõe uma lógica. Neste sentido, é verificável para compor o campo da ciência, como também é falível, pelo fato de não ser definitivo, único e absoluto, já que as novas proposições podem ser reformuladas com o uso de novas técnicas que reelaboram as teorias existentes.

Sendo assim, por mais que os resultados desta pesquisa indiquem achados da experiência vivenciada e vise a colaborar com a ciência, esses não são entendidos como verdades absolutas, imutáveis ou inquestionáveis, podendo ser vistos como provisórios, no sentido de servirem como referencial para outros estudos que adotem novos critérios, técnicas e percursos metodológicos diferentes que foram apresentados nesse relato de caso (RE).

Segundo Câmara (2013, p. 4), “para a investigação dos dados de uma pesquisa qualitativa, existem algumas técnicas singulares, fundamentadas em correntes, pensamentos e abordagens diversas”. Apontamento que corrobora com o já exposto por Lakatos e Marconi (2002), em parágrafo anterior, sobre a possibilidade de se aplicar novas proposições ao sistema de ideias, produzido através do saber científico.

Vale ressaltar que os achados que compuseram essa análise de resultados deste RE, evidenciaram-se a partir de experiência vivida e foram categorizados de maneira que respeitasse os protocolos relacionados à eticidade nas pesquisas científicas, levando-se em consideração os preceitos formulados nas Resoluções CNS 466/2012 e CNS 510/2016, como também a carta circular nº 166/2018, a qual define os contornos da metodologia Relato de Experiência utilizada nesse estudo (BRASIL, 2018).

Acomodando a pesquisa dentro do que fora solicitado pelo CEP, que avaliou este relato em seu formato final com os resultados e as discussões, compreendendo sua função fundamental, enquanto dispositivo para controle social da pesquisa (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

Em acordo com o que foi exposto anteriormente, ações preventivas foram estabelecidas com o intuito de não expor nenhum participante ou dados e informações,

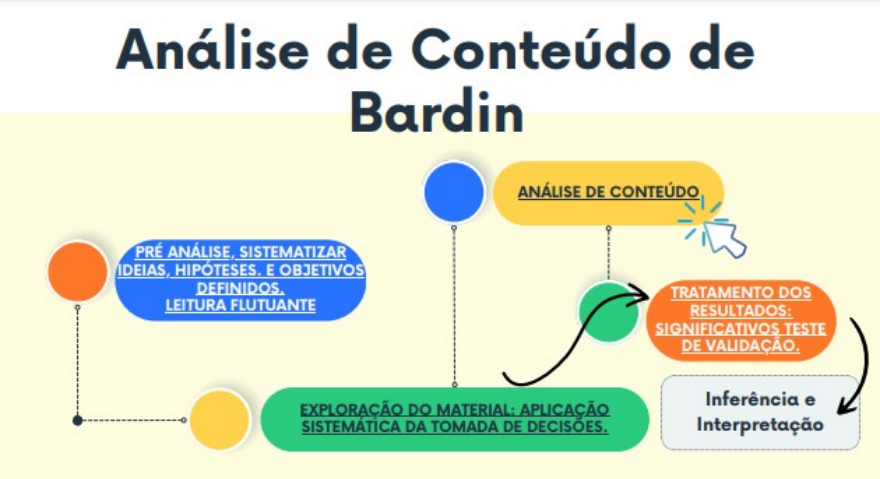
evitando qualquer forma de constrangimento aos que desta pesquisa concordaram em participar, sobretudo na elaboração e na divulgação dos resultados. Como assegura a Resolução nº 510/16 quando exige que haja a:

> VII – garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive no uso de sua imagem e voz;
> VIII – garantia da não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes (BRASIL, 2016, p. 5).

Vale destacar que este RE em nenhuma de suas etapas infligiu qualquer um desses pontos, garantindo a confidencialidade, privacidade, proteção das identidades e informações sobre os participantes, prevenindo qualquer tipo de prejuízo aos mesmos.

Durante a análise de dados e apresentação de resultados, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), por meio da leitura Flutuante, ferramenta metodológica, que pode ser aplicada em todas as formas de comunicação e em discursos variados.

Figura 9 - Análise de Conteúdo de Bardin



Fonte: Autoral, 2023.

A partir da análise da pesquisadora para compreender a comunicação e buscar a significação, as conclusões também permitiram fundamentar e propiciar um enfrentamento crítico-reflexivo da experiência, concentrando-se nas principais vivências, geradoras da aprendizagem.

A seguir, os achados alcançados arrumados em uma tabela para melhor organização e visualização dos aspectos que serviram de contornos para a produção das categorias de análise, a partir da leitura flutuante.

7.1 Achados do Relato de Experiência

A partir da leitura flutuante dos Roteiros das Oficinas Pedagógicas Antirracistas; mural virtual – *Padlet* e da observação sistemática das oficinas, principalmente, no momento das rodas de conversas, foi possível enumerar alguns achados fundamentais na construção da análise dos resultados deste Relato de Experiência, são eles: i) As oficinas pedagógicas antirracistas não são reconhecidas pelos alunos como aula; ii) visão inovadora de uma prática pedagógica permeada por tecnologias digitais; iii) maior adesão a frequência dos alunos nas rodas de conversa; iv) dificuldade de obter sucesso na aprendizagem de todos os alunos; v) prática pedagógica colaborativa entre o professor regente e a professora de sala de leitura; vi) interesse pelas pesquisas relacionadas as práticas antirracistas; vii) valorização da cultura afro-brasileira; viii) uso de sequência didática que viabiliza o processo de alfabetização e letramento; ix) As oficinas pedagógicas instigam os alunos a participação, o interesse, a autonomia, a criatividade, o desejo em conhecer e o aprender; x) exposição das diferentes opiniões, ponto de vista, emoções, sentimentos e valores dentro de pequenos textos construídos pelos alunos; xi) compartilhamento de experiências nas rodas de conversa, promovendo o respeito pelas opiniões, pontos de vista e valores do outro; xii) garantia de práticas pedagógicas com a utilização de tecnologias digitais; xiii) promoção do protagonismo do aluno por meio do uso de recursos tecnológicos; xiv) histórias literárias que aproximam a realidade do aluno as histórias relatadas; xv) alfabetização e letramento tecnológicos, a partir da leitura de *QR Code*, despertando o interesse e o novo olhar do aluno sobre o processo de aprendizagem; xvi) formação de palavras a partir da identificação das letras do alfabeto; xvii) identificação de palavras no caça palavras que reforcem a identidade cultural dos negros; xviii) busca por parte dos professores em formação continuada e estudo para melhor conhecimento, exploração e aplicação das ferramentas digitais nas práticas inclusivas de sala de aula; xix) aumento da interação do professor regente com o grupo de alunos de referência; xx) Ressignificação do fazer pedagógico, através de ações e atitudes favoráveis a alfabetização e letramento dos alunos; xxi) importância das múltiplas linguagens no processo de aprendizagem; xxii) o professor como pesquisador em seu campo de atuação.

Os aspectos acima foram consubstanciados em categorias de análise, conforme o quadro:

Quadro 2 - Categorias para análise dos dados a partir dos achados do Relato de Experiência

i) As oficinas pedagógicas antirracistas não são reconhecidas	**Práticas pedagógicas Antirracistas em Sala**

pelos alunos como aula; ii) visão inovadora de uma prática pedagógica, permeada por tecnologias digitais; iii) maior adesão à frequência dos alunos nas rodas de conversa; iv) dificuldade de obter sucesso na aprendizagem de todos os alunos; v) prática pedagógica colaborativa entre o professor regente e a professora de sala de leitura; vi) interesse pelas pesquisas relacionadas às práticas antirracistas; vii) valorização da cultura afro-brasileira; viii) uso de sequência didática que viabiliza o processo de alfabetização e letramento.	**de Aula** **(Categoria 1)**
ix) As oficinas pedagógicas instigam os alunos à participação, o interesse, a autonomia, a criatividade, o desejo em conhecer e o aprender propriamente dito; x) exposição das diferentes opiniões, ponto de vista, emoções, sentimentos e valores dentro de pequenos textos construídos pelos alunos; xi) compartilhamento de experiências nas rodas de conversa, promovendo o respeito pelas opiniões, pontos de vista e valores do outro; xii) garantia de práticas pedagógicas com a utilização de tecnologias digitais; xiii) promoção do protagonismo do aluno por meio do uso de recursos tecnológicos; xiv) histórias literárias que aproximam a realidade do aluno às histórias relatadas; xv) alfabetização e letramento tecnológicos a partir da leitura de *QR Code*, despertando o interesse e o novo olhar do aluno sobre o processo de aprendizagem; xvi) formação de palavras a partir da identificação das letras do alfabeto; xvii) identificação de palavras no caça-palavras que reforcem a identidade cultural da comunidade negra.	**Múltiplas Linguagens e Tecnologias Digitais no processo de recomposição da aprendizagem** **(Categoria 2)**
xviii) busca por parte dos professores em formação continuada e estudo para melhor conhecimento, exploração e aplicação das ferramentas digitais nas práticas inclusivas de sala de aula; xix) aumento da interação do professor regente com o grupo de alunos de referência; xx) Ressignificação do fazer pedagógico, através de ações e atitudes favoráveis à alfabetização e ao letramento dos alunos; xxi) importância das múltiplas linguagens no processo de aprendizagem;	**Ação reflexiva da prática docente quanto a alfabetização e letramento de jovens do segundo segmento do EF** **(Categoria 3)**

xxii) o professor como pesquisador em seu campo de atuação.	

Fonte: Autoral, 2023.

7.2 Análise dos resultados dos dados evidenciados a partir do Relato de Experiência

Esta análise foi elaborada com base nos estudos de Leitura Flutuante, pautados na Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com a ligação dos dados bibliográficos e os do campo – experiências pedagógicas vivenciadas nas oficinas pedagógicas antirracistas.

Percebemos que os alunos não reconhecem as oficinas antirracistas como aulas, mas sim, como atividades lúdicas, com recursos digitais. Em diversos momentos, questionavam quando as palavras seriam escritas no quadro para eles copiarem e se fariam ou não as atividades ou se naquele dia as atividades seriam livres.

Estes questionamentos dos discentes podem ser compreendidos pela abordagem de Freire (2019) de que a educação bancária, vista como algo depositário por parte do educador sobre os educandos, os depositários, reflete padrões de educação pautados na transmissão do conhecimento na qual os alunos são apenas espectadores. Nesse sentido, os professores são detentores de todo o saber e os alunos não trazem conhecimentos prévios, sendo meros aprendizes. A educação bancária está enraizada na experiência educacional dos professores, com base em atividades de registro escrito, provas, livros didáticos, atividades transcritas do quadro para o caderno e longas falas do professor sobre o conteúdo exposto.

O estranhamento da proposta apresentada, por mais que o aluno se envolvesse, é compreensível, pois segundo Freire (2019), os educandos não são instigados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. A educação por esse viés inibe o poder de criação por parte do educando.

Esse aspecto relacionado ao comportamento dos jovens, em relação ao formato apresentado nas oficinas, dependendo da análise, pode ser compreendido de forma negativa, mas, em contrapartida de, forma bem mais expressiva, as oficinas pedagógicas se configuram como uma importante ferramenta metodológica no processo ensino-aprendizagem, sobretudo nos processos de inclusão na escola. Segundo Monteiro *et al.* (2013):

> [...] as oficinas pedagógicas no processo de ensino aprendizagem considerando que estas oferecem desenvolvimento social, além de possibilitar a troca de experiências entre os mentores e os participantes, ampliando assim, a capacidade sócio-cognitiva, o interacionismo e a liberdade de aprender de todos que estão envolvidos. Dessa forma, permitem que os participantes ampliem os conhecimentos adquiridos em sala de aula e os relacionem com o cotidiano (MONTEIRO *et al.*, 2013, p. 1).

As oficinas pedagógicas propiciaram uma forte participação dos jovens em relação à temática trabalhada, almejando ao desejo de aprofundamento de conhecimento por meio de pesquisas as quais levaram à participação, ao interesse, à curiosidade, à criatividade, à autonomia e ao prazer em aprender.

A troca de experiências trouxe a possibilidade de ampliação de seus repertórios conceituais, sobre os assuntos discutidos o que propiciou o aprimoramento da capacidade crítica aos relacionarem os conteúdos com questões do seu dia-a-dia e sua relevância social.

Com uma melhor compreensão do processo de alfabetização e de letramento, os alunos foram se envolvendo com o tema abordado, tornando-se coautores em seus processos de construção de escrita e, com isso, promovendo sua inclusão social.

Os alunos começaram a realizar conexões com outros textos e conteúdo do currículo ligados à Lei 10.639/23. Dessa forma, conseguiram desenvolver habilidades como: escrita de frases simples; colaboração em trabalhos em grupo, interesse pelas atividades, maior autonomia, criatividade e autoria. Em todas essas tarefas a maior parte dos alunos da turma do Travessia participavam ativamente, recebendo e colaborando com todo o processo decorrido.

Como demonstra Rego (2013):

> [...] o sujeito produtor de conhecimento não é mero receptáculo que absorve e contempla o real [...], pelo contrário é um sujeito ativo que tem uma relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói no seu pensamento este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um aturar do homem (REGO, 2013, p. 79).

À medida que as palavras eram trabalhadas, era perceptível o interesse dos alunos em fazer uso das tecnologias digitais com o espaço virtual de entretenimento ou de redes sociais. Realizaram links com as ferramentas tecnológicas e seu uso para mediar outras atividades pedagógicas. A partir daí, surgiram muitas ideias criativas.

Desta forma, os jovens não só se envolveram nas atividades propostas, como também utilizaram os recursos digitais, de maneira colaborativa e autônoma, além de reforçarem a construção dos saberes, já que esse tipo de abordagem era inovador e diferente das práticas pedagógicas que já foram desenvolvidas com eles.

Nos dias de ausência das oficinas, os alunos queriam trazer elementos do momento vivido para as demais aulas como: a roda de conversa, leitura de um livro, pesquisa no buscador de informações on-line (*Google*), atividade artística. Foi assim que identificamos como aquela metodologia colaborava para o planejamento das aulas seguintes.

As ações representaram momentos de trocas de experiências que levaram ao conhecimento de uma determinada realidade social estruturada e mascarada, além de seus desafios na escola.

Segundo Candau (1999), essa transformação necessita da promoção de uma educação articulada a uma promoção mais ampla da sociedade, que seja um espaço formador de sujeitos os quais exerçam a sua cidadania conscientemente, e para tal exige uma prática educativa participativa e dialógica. Sendo assim, esse trabalho leva em consideração a problemática histórica e cultural que nossa sociedade apresenta, as quais recriamos constantemente, através de nossas relações, produção de conhecimento e sentido.

Portanto, as Oficinas Pedagógicas Antirracistas são de suma importância para concretizarmos possibilidades de alfabetização e de letramento, por serem inovadoras e significativas, principalmente para jovens que perderam o tempo correto de alfabetização em decorrência da pandemia de COVID-19.

Já sobre as Múltiplas Linguagens e Tecnologias Digitais no processo de recomposição da aprendizagem, percebemos que a utilização de recursos tecnológicos variados para desenvolver o letramento e a alfabetização, na construção de conceitos antirracistas, evidencia a necessidade de se pensar uma sociedade menos racista e preconceituosa. Tais recursos foram fundamentais para se alcançar o objetivo desta pesquisa. Segundo Moran (2018):

> A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las (MORAN, 2018, p. 43).

No que se refere às trilhas do conhecimento, há múltiplas formas de oportunizar ao aluno o envolvimento nas atividades de leitura e escrita, mediante às diversas estratégias usadas como escritos, digitais e orais.

O diálogo estava sempre presente nas atividades (antes, durante e depois) o que levava a traçar as novas ações pautadas no diálogo. Este movimento permitiu também avaliar como os alunos estavam se apropriando do conhecimento. Segundo Libâneo (2013), a avaliação permite ao professor reorganizar suas ações de maneira que tenha clareza dos objetivos de aprendizagem que se deseja alcançar.

Logo, no universo da literatura uma amplitude de discussões em relação às diferenças, através do diálogo, traz à tona a alteridade, visto que os estimulava a preocuparem-se com o que o outro sentia ou pensava. Segundo Soares (2004):

> Leitura fluente, que exige o reconhecimento holístico de palavras e sentenças; a faceta da leitura compreensiva, que supõe ampliação de vocabulário e desenvolvimento de habilidades como interpretação, avaliação, inferência, entre outras; a faceta da identificação e do uso adequado das diferentes funções da escrita, dos diferentes portadores de texto, dos diferentes tipos e gêneros de texto etc. Cada uma dessas facetas é fundamentada por teorias de aprendizagem, princípios fonéticos e fonológicos, princípios linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos, teorias da leitura, teorias da produção textual, teorias do texto e do discurso, entre outras (SOARES, 2004, p. 201).

A leitura de livros nas rodas de conversas abordou assuntos relacionados ao racismo estrutural, como também ações favoráveis e positivas, frente ao combate no cotidiano escolar, colocando as questões referentes às diferenças em voga, promovendo diálogos, reconhecimento e pertencimento à sociedade, já que os assuntos tratados nos livros falam sobre a proximidade da realidade do aluno na literatura exposta.

Os jovens realizam a leitura de mundo através do que veem e das histórias que lhes são contadas. Assim, elas precisam ser estimuladas e alimentadas com prazer que lhes permita compreender melhor o mundo (VIEIRA, 2015). Os jovens elaboram sua leitura de mundo através do que os adultos lhe passam e das histórias que lhes são contadas.

Ainda existe resistência por parte de alguns professores e até certa insegurança em utilizar tecnologias digitais no ambiente escolar, posto que há um certo conflito em associar o uso das mesmas e o abandono de outras práticas que já estão consolidadas em sua forma de ensinar.

É necessário construir e fortalecer a concepção de que as tecnologias chegaram para nos auxiliar, integrando-as às práticas já difundidas, contribuindo de forma significativa na mediação da aprendizagem.

Com a utilização do alfabetário digital a partir da leitura de *QR Code* foi possível perceber o envolvimento dos alunos nas propostas trabalhadas, levando-os a relacionar os conhecimentos construídos nas oficinas com suas práticas sociais. Segundo Silva (2002), o emprego das Tecnologias Educacionais no currículo e na alfabetização são inquestionáveis, de modo que, surgem constatações das necessidades de novas práticas pedagógicas tecnológicas que visem a beneficiar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, visto que estas tendem a aprimorar e tornar a aprendizagem mais atrativa, com práticas estimulantes e significativas.

Nesse mesmo pensamento, Almeida (2000) defende que a parceria entre a tecnologia e a educação possibilita a transmissão e o aperfeiçoamento do conhecimento, uma vez que, segundo esse mesmo autor, no sistema educacional é possível a utilização de muitas

ferramentas tecnológicas como a internet, o rádio, o ensino à distância, a televisão, a fotografia, o cinema, vídeos, computadores, teleconferência, lousa digital, tabletes, celulares, data show, pen drives, impressoras, entre outras, somadas às tecnologias tradicionais como o giz, lousa, livros, cadernos e carteiras escolares.

A perspectiva tecnológica assumiu espaço, rapidamente, no campo educacional, sendo utilizada como um instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, a fim de garantir um ensino dinâmico e atualizado, resultando na produção do conhecimento, de forma rápida e positiva, pois, como afirma Moran (2000, p. 63), "ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos". Logo, a ação do professor regente é de fundamental importância, principalmente, na mediação desenvolvida.

Para Moran (2000, p. 53), "a internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece". Por meio deste importante recurso tecnológico, muitos outros interligados, em uma velocidade, pela qual as informações e a comunicação entre as pessoas são obtidas de forma instantânea, através de sites de buscas, relacionamentos, os fóruns, os chats e os blogs pessoais e institucionais. No entanto, faz-se necessária a atuação dos professores, no que se refere à informação e à orientação aos alunos.

As oficinas permitiram que todos participassem tornando a atividade colaborativa em prol de um resultado que não era individual, mas coletivo. A maioria das atividades foi em grupo, o que fazia com que um dependesse do outro, de maneira que todos pudessem expressar suas habilidades e potencialidades. A palavra assume um papel fundamental para o interlocutor. "Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte" e que "serve de expressão a um em relação ao outro" (BAKHTIN, 2003, p. 113). Num sentido mais amplo, "a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim, numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor" (BAKHTIN, 2003, p. 113).

A mudança por parte dos alunos que passaram a apresentar atitudes mais positivas em relação aos demais alunos da turma proporcionou um ambiente de amizade e de colaboração, onde todos procuravam se ajudar, indiferente das condições de aprendizagem. Essa mudança também influenciou no combate em atitudes inconscientes de práticas de bullying, que já eram fortemente combatidas na escola, mas que através do diálogo, da apresentação, percebíamos que as falas e as práticas nas quais os alunos se colocavam ora como sujeitos que

sofriam a ação, ora como indivíduos que praticavam, mesmo que de forma inconsciente, criaram entre eles um radar de alerta.

Então quando surgiam episódios que configuravam tais padrões, eles entre si traziam para o debate e buscavam na discussão entrar em um consenso se era uma atitude adequada ou não com os amigos.

O que pode ser compreendido a partir de Melo, Lima e Cardoso (2019, p. 245), quando afirmam que "no processo de convivência em sala de aula entre os pares, muitas vezes são realizados julgamentos superficiais a partir da aparência do outro, ou seja, cada aluno julga a capacidade do colega a partir daquilo que vê, sem nenhuma análise mais apropriada e efetiva".

Depois dos avanços das propostas pedagógicas de alfabetização e de letramento com práticas antirracistas, os alunos passaram a fazer questionamentos entre si sobre respeito, valores, amizade de um para com o outro. Assim com a ação colaborativa, as práticas de alfabetização e de letramento foram mediadas tanto pelo professor, quanto por eles mesmos.

Para Vygotsky, a mediação tem fundamental importância no processo de internalização de conceitos e se dá por intermédio das interações do indivíduo com seus pares e de forma gradativa. É apontada como fator responsável por estabelecer as condições de potencialização da zona de desenvolvimento proximal, ou seja, daquele espaço onde o aprendiz consegue realizar uma atividade com a ajuda de alguém mais experiente.

Em se tratando do trabalho com a produção textual, a mediação se dá a partir de situações reais de escrita, tomando o texto do aluno (produzido para essa situação de interação) como revelador dos aspectos já internalizados, assim como daqueles ainda não abstraídos. O foco, nesse caso, recai sobre a alfabetização e/ou letramento de jovens que foram atingidos pela pandemia.

Por fim, a ação reflexiva da prática docente (categoria 3) permitiu que pudéssemos repensar nossa prática docente e avaliarmos as aprendizagens construídas a partir dessa experiência única. Inicialmente foi pensada a partir de uma necessidade contingencial do grupo de referência e das demandas circunscritas do período de Ensino Remoto Emergencial, devido à pandemia de COVID-19, período em que nossas práticas pedagógicas foram repensadas em função da evidência quanto a sua fragilidade no que se refere ao uso de ferramentas digitais ou metodologias que levem em consideração o processo de inclusão desses jovens que não concluíram a alfabetização na idade correta.

A necessidade de formação continuada na área das tecnologias digitais é latente e já vinha sendo discutida em diversos espaços antes mesmo da pandemia, ainda que essa discussão tenha se alastrado e intensificado após esse período.

Almeida (2000) frisa a importância da preparação dos educadores, quanto ao uso dessas tecnologias para formação do aluno, que por sua condição socioeconômica, por vezes não tem familiaridade com os recursos tecnológicos digitais, devido ao pouco acesso aos equipamentos. Contudo, para que o professor se aproxime de práticas com uso de ferramentas tecnológicas há a necessidade de investimentos em recursos e infraestrutura nas escolas como equiparem-se de: *notebook*, *smart TV*, projetores, internet, roteadores de sinais, etc. Neste sentido, ter o mínimo para desenvolver essa competência metodológica.

Segundo Vieira Júnior e Melo (2021), o fazer docente sofre com uma severa mudança: antes, era visto como o centro do processo e detentor de todo conhecimento, e assim tinha como função não somente transmiti-lo; hoje, é evocado a uma figura de um profissional que seja mediar, orientar, estimular, motivar e incentivar seus alunos. Esse fato se configura pela possibilidade de busca e exploração de novos ambientes profissionais e virtuais de aprendizagem.

Os recursos são necessários para configurar um contexto mais inclusivo ao acesso às tecnologias, contudo, não menos importante, a formação continuada para o uso das tecnologias na educação é um campo diversificado que oferece múltiplas possibilidades e vem avançando cada vez mais. “A contribuição da educação para a inclusão do aprendiz na cibercultura exige um aprendizado prévio por parte do professor” (VIEIRA JÚNIOR; MELO, 2021, p. 34306).

Segundo Huve e Bertolini (2020), há inúmeras razões para que o professor utilize as TICs e elenca cinco principais:

> Para que o professor possa se apropriar das novas tecnologias e utilizá-las como um instrumento de apoio pedagógico, precisa além dos recursos tecnológicos, uma boa formação, bem estruturada, e principalmente continuada, pois há necessidade de se aperfeiçoar constantemente, devido ao rápido avanço digital (HUVE; BERTOLINI, 2020, p. 4).

Portanto, formação continuada dos professores em relação às práticas pedagógicas com uso de tecnologias é essencial e inegável, já que os alunos tendem a ter mais facilidade no manuseio de algumas tecnologias, que alguns professores, porque já nasceram na era digital e, consequentemente, a maioria já teve acesso. Já no caso da turma em questão, muitos alunos não tiveram acesso ao ERE pois não possuíam recursos suficientes para acessar.

Logo, mesmo que muitos educadores, em sua formação não tivessem acesso as TICs, faz-se necessária a formação continuada, até para poderem orientar seus alunos, quanto à utilização desses recursos tecnológicos de forma consciente, em benefício ao seu desenvolvimento no processo de alfabetização.

O professor tem um olhar de pesquisador e tem seu lugar de atuação como um vasto campo de pesquisa acadêmica. Entendendo a formação como um movimento contínuo e inacabado, é verídica a recíproca do aprender praticando e do ensinar, enquanto aprende. As tecnologias digitais neste sentido podem transformá-lo em um orientador da aprendizagem.

O uso de múltiplas linguagens, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, com uso das oficinas como plano de fundo, traz esse caráter inovador à prática docente e propicia a ressignificação do papel do professor, frente ao desafio de educar na diversidade e em favor da inclusão de todos.

Esse fator propiciou um olhar inovador à prática docente, a partir do ponto de vista deles e o da professora da Sala de Leitura que participou da experiência. Essa percepção se revela como um aspecto positivo, porque permitiu maior interação entre todos os sujeitos que participaram dessa conjuntura: alunos e professores. Segundo Freire (2002), sobre o papel do professor:

> Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, [...], em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica e permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não o do professor consigo mesmo (FREIRE, 2002, p. 26).

Baseado no acima exposto, a experiência pedagógica desenvolvida com os alunos e professora propiciou uma constante reflexão sobre como ensinar, aprender e compartilhar saberes, bem como no que poderia ser diferente do que vinha sendo até agora. Entretanto, o respeito é uma educação voltada para os sujeitos, por isso foram criados espaços onde educandos e professores puderam se reinventar através da avaliação prática docente como também de uma autoavaliação de seu envolvimento nas propostas de aprendizagens inclusivas.

Essas práticas pedagógicas rompem com as tradicionais, já engessadas, traz uma criticidade fundamental para reconstrução do fazer do professor, mas também da forma como os alunos querem que seja o seu processo de aprendizagem, na troca com o aluno, o trabalho do professor emana em sua versão mais respeitosa e inclusiva.

O uso de múltiplas linguagens, através das oficinas com recursos digitais e literatura infanto-juvenil, como alicerce, serviram para endossar uma prática pedagógica dialógica que esteve centrada no sujeito da aprendizagem.

A construção de conceitos de forma crítica e reflexiva sobre o formato de um novo projeto de alfabetização e de letramento levou ao aparecimento de várias demandas contingenciais. Entretanto, é muito importante compartilhar experiências, como o relato em questão, já que pode ressignificar percepções sobre práticas que já dominamos e podemos elaborar de forma inventiva e criativa. Não se trata de desfazer de tudo que já sabemos e conquistamos, mas sim, reinventar-se a partir de novas descobertas.

Segundo Oliveira (2020), há uma significação e funcionalidade quando apreciamos as vivências e as possibilidades de trocas de experiências na formação docente, ou seja, a partir do que nós, professores, já sabemos e, assim, construirmos novos conhecimentos.

Esta visão nos mostra que muito que o professor produz é riquíssimo, circunscrito por inovação, criatividade, novidade, e quando essas experiências são compartilhadas podem propiciar novas ações, práticas docentes e pesquisas no campo educacional.

8 PRODUTO CONSOLIDADO

O produto desta pesquisa foi estruturado junto ao Programa de Mestrado Profissional Novas Tecnologias Digitais na Educação – UniCarioca, baseado nos estudos realizados durante o levantamento bibliográfico e no relato de experiência com os professores e alunos. Dessa forma, propomos o Alfabetário Digital Antirracista.

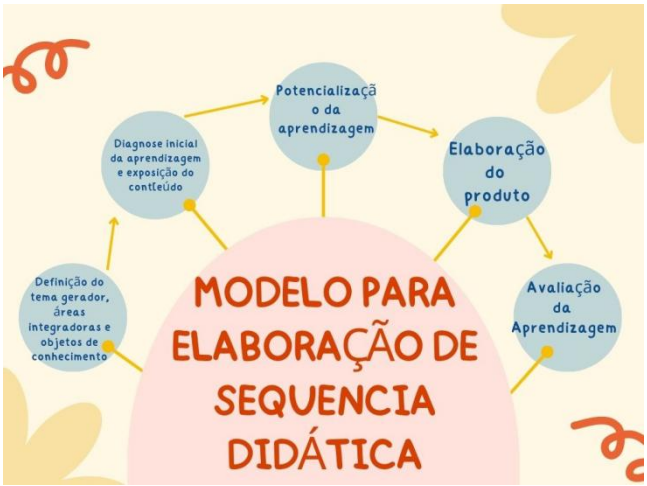
Um dos objetivos é que esse material possa servir como uma valiosa ferramenta de apoio e que motive um trabalho pedagógico cada vez mais conectado às reais necessidades dos alunos os quais tiveram seu processo de alfabetização e de letramento não-consolidado, e, por isso, necessitaram de um processo de recomposição de aprendizagem ao chegarem nos anos finais do Ensino Fundamental.

Moreira e Nardi (2009) afirmam que o produto educacional trata do relato de uma experiência de implementação de estratégias ou de produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino em uma área específica. Tais produtos podem ser apresentados como didática, aplicativo, equipamento, enfim, algo identificável e independente da dissertação. Pode ser também uma nova estratégia de ensino, uma metodologia para determinados conteúdos, um ambiente virtual ou até mesmo um texto.

8.1 Descrição do produto

Para a elaboração da SD foi utilizado o modelo estrutural do *framework* desenvolvido por Batista (2021), com pequenos ajustes, que apresenta o seguinte esquema principal demonstrado na figura abaixo:

Figura 10 - Alfabetário antirracista



Fonte: Autoral, 2023.

Segundo Batista (2021), este formato de esquema estrutural para elaboração de Sequências Didáticas:

> Tem por finalidade incentivar os educandos a aprenderem de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais permeadas por atividades lúdicas e tecnológicas que articulem e aproximem a teoria da prática, resultando em uma aprendizagem significativa (BATISTA, 2021, p. 54).

Sendo assim, as etapas deste esquema apresentado na criação de SDs valorizam a aprendizagem dos alunos de forma autônoma e colaborativa, partindo de questões vivenciadas por meio de estratégias lúdicas e tecnológicas, atrelando teoria e prática de forma significativa.

A partir do exposto acima, a Sequência Didática, resultante do produto dessa dissertação, foi elaborada a partir do esquema estrutural citado. No mestrado profissional, falamos em criação e aplicação de um produto a uma sala de aula ou a outro ambiente educacional. Esse produto pode ser criado como suporte para uma pesquisa e depois desenvolvido ao longo desse trabalho, devendo ser disponibilizado e apresentado de forma que possa ser utilizado pelo professor interessado. Metodologias diversas inseridas no processo de ensino e aprendizagem são ferramentas que devem ser flexíveis e ajustadas de modo que atendam às individualidades dos alunos, que poderão se tornar aprendentes proativos.

A Sequência Didática traz sugestões de atividades que facilitem a alfabetização desses jovens. Utilizamos em nossa proposta as estratégias metodológicas, pautadas na utilização de ferramentas tecnológicas e na literatura infanto-juvenil.

O alfabetário antirracista foi elaborado a partir da escolha pela pesquisadora de Personalidades Negras facilmente identificadas pelos alunos, através de pesquisa sobre a biografia das pessoas em questão realizadas via internet, e com o auxílio do programa *QR Code Generation*[9]. A partir da pesquisa biográfica, uma ação foi criada e o *QR Code* foi inserido juntamente com a imagem das personalidades apresentadas. A ilustração abaixo demonstra algumas letras do Alfabetário[10]:

---

[9] Disponível em: https://br.qr-code-generator.com/a1/?gclid=CjwKCAjw4ZWkBhA4EiwAVJXwqcTlcAcy4epkrIuLZEZaNlAvkb7RpnzoZYvsu-ISS2bSk5JFF6GOxBoCDEQQAvD_BwE&campaignid=11082198385&adgroupid=108043693905&cpid=fd3cb0e9-b2cf-45c6-b857-5525d05f66c5&gad=1.

[10] Disponível em: https://www.canva.com/design/DAFliej4yFc/EzMzZ822hHRFaoSwFcr2TA/watch?utm_content=DAFliej4yFc&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink

Figura 11 - Algumas letras do alfabetário



Fonte: Autoral, 2023.

8.2 Aplicação

Espera-se que este alfabetário possa auxiliar na formação continuada de professores de Ensino Fundamental e estimular novas competências nesses profissionais para dar conta de novas demandas que o contexto educacional lhes exige. A criação de oficinas pedagógicas para alfabetização e letramento antirracista permite a personalização do ensino e, se utilizado de forma contextualizada e com intencionalidade pedagógica, tornam-se ferramentas enriquecedoras e motivadoras para dar apoio ao trabalho docente. Educativos digitais que podem ser usados por professores para dinamizar suas aulas, promover a interação entre os educandos e servir de fonte de inspiração para que, a partir das ideias aqui apresentadas, o professor crie jogos, atividades, estratégias e formas de ensinar o aluno com déficit na aprendizagem na idade correta.

Segundo Batista (2021), ao construir textos significativos que possibilitem o educando a participar de práticas de linguagens mobilizadas, através da cultura digital por meio de ferramentas tecnológicas e metodologia lúdica, interdisciplinarizadas com atividades voltadas à literatura, o educador faz uma ruptura com paradigmas tradicionais, colocando o educando como protagonista do seu próprio desenvolvimento. Assim, ao observar as grandes mudanças sociais e tecnológicas, o educador refletirá sobre quais estratégias utilizar.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa forneceu uma visão mais assertiva acerca da necessidade da inserção de novas formas e estratégias pedagógicas capazes de garantir ao discente o direito de acesso ao conhecimento, de acordo com suas reais necessidades, em especial, a escolarização dos alunos que foram fortemente atingidos pela Pandemia de COVID-19 e tiveram seu processo de alfabetização e letramento comprometidos.

Diante do recente cenário de isolamento social, em virtude da pandemia de COVID-19, a qual acarretou a necessidade do ensino remoto emergencial nas instituições escolares. Nesse cenário foi preciso repensarmos nossas práticas pedagógicas e buscarmos novas ferramentas tecnológicas para recompor o processo de ensino-aprendizagem, de forma que todos os discentes pudessem ser atendidos em suas demandas, especificidades e limitações em função da ausência de um aparato tecnológico que lhes permitisse o acesso ao currículo durante o fechamento das unidades escolares.

A escola precisou refletir sobre a melhor forma de estabelecer a construção de novos saberes, buscando adaptações de materiais que pudessem auxiliar no acesso aos conteúdos pelos alunos que chegaram aos anos finais do Ensino Fundamental com seu processo de alfabetização e letramento comprometidos.

Consolidando-se a tomada de consciência sobre a realidade imposta pelo cenário emergente, verificou-se que o espaço escolar pode se tornar mais eficaz na oferta do ensino através das ferramentas digitais. Além de tornar o ensino mais atrativo, divertido e, consequentemente, menos cansativo, por despertar o interesse do aluno, a estratégia de utilização das ferramentas tecnológicas com oficinas pedagógicas contribuiu para o processo de mediação professor-aluno de maneira mais significativa.

Os atendimentos educacionais oferecidos no ano de 2022 serviram de suporte para a confecção do relato de experiência sobre os encontros da pesquisadora, enquanto professora da turma criada pela SME-RJ do projeto de recomposição de aprendizagem denominado Travessia, com alunos da faixa etária de 12 a 16 anos que não poderiam estar na classe regular de ensino, visto que os mesmos não apresentavam o processo de alfabetização e de letramento concluídos.

As principais fragilidades encontradas na pesquisa estão pautadas principalmente no tempo para realização das atividades, que em função da complexidade do público que foi atendido na pesquisa.

Os objetivos e a solução encontrada para o problema de pesquisa em questão conectaram-se com a necessidade tanto do atendimento inclusivo do público-alvo da pesquisa, quanto da criação de um valioso instrumento de apoio pedagógico para uma classe regular de ensino. Os objetivos propostos para esta pesquisa foram atingidos com êxito. Refletiu-se sobre nele a necessidade de formação continuada dos professores para atender às demandas do novo contexto; investigou-se os principais desafios nessa jornada, explicitou-se sobre a complexidade presente no cenário educacional atual; elaborou-se sobre as mudanças paradigmáticas que se deram ao longo dos últimos anos; e, por fim, apresentou-se um estudo de campo que revelou sobre as questões apresentadas no tema desta pesquisa, consolidando ideias e possibilitando novas reflexões.

As pesquisas bibliográficas me levaram a observar que cada aluno responde de uma forma diferenciada ao processo de alfabetização, inclusive os alunos em reposição, e por isso elas consubstanciam e reforçam que a aprendizagem é um processo individual e processual.

Ao investigar sobre a implementação da Lei nº 10.639/03, que coloca a necessidade de se trabalhar conteúdos de História e Cultura Afro-brasileiras no ensino, percebi a existência de um material rico e vasto, que anteriormente à implementação da Lei era pouco falado, subutilizado, e que hoje esse material permite valorizar a cultura negra a partir da escola, da sala de aula, proporcionando um olhar mais inclusivo e diverso para a sociedade.

Ao pesquisar sobre jogos e atividades lúdicas, observei que a maioria são generalistas, entretanto, utilizei um recorte antirracista pois existe uma aproximação entre a realidade que os alunos vivenciam, o principal projeto desenvolvido na escola – Projeto Travessia, e a necessidade de construção e uma sociedade mais justa, inclusiva e diversa. Ao aplicar os jogos, descobri que os jogos antirracistas são mais motivadores para alunos, pois a maioria é negra, e se identifica com os mesmos.

O relato de caso desta pesquisa sobre a aplicação do material didático que elaborei, me levou a observar que depois de passarem dois anos no Ensino Remoto por conta da pandemia de COVID-19, os alunos se envolveram bastante nas atividades que propus na sequência didática. Como era algo inédito para eles, já que são alunos da segunda série do Ensino Fundamental, que estavam em isolamento, quando as atividades se encerraram, eles queriam voltar a ter todas as aulas nos mesmos parâmetros didáticos.

Educadores reconhecem as novas tecnologias digitais como recursos essenciais à prática pedagógica. Além disso, as sequências didáticas são consideradas propostas diversificadas que estimulam habilidades cognitivas, comportamentais e socioemocionais, se utilizadas com intencionalidade pedagógica, em diversos momentos de uma sequência

didática e com diferentes finalidades, tais como: antes da explanação do tema/tópico, para introduzir um conteúdo; para o ensino específico de um tema/tópico; reforço escolar para diminuir defasagem no aprendizado ou relembrar conteúdos; e organizar a rotina escolar, aproveitando os elementos contidos nos currículos como a produção de leitura e escrita com ludicidade.

Através do conhecimento adquirido e compartilhado por meio deste estudo, evidenciou-se que é possível devolver à sociedade um pouco do que foi aprendido nas pesquisas, através da elaboração de atividades que têm como objetivo recompor o processo de ensino-aprendizagem de jovens que apresentaram lacunas no seu processo de alfabetização.

O Alfabetário em questão é uma ferramenta norteadora para a escrita, utilizando-se de forma criativa a inspiração e a motivação para os alunos desenvolverem a leitura e a escrita, com o intuito de promover o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de jovens excluídos pedagogicamente devido à falta de acesso aos recursos digitais, durante o período de Ensino Remoto Emergencial.

Considera-se que esta pesquisa contribuiu positivamente para a prática profissional docente da pesquisadora, para o fazer pedagógico de outros professores e para as novas práticas que podem surgir como fruto dos encontros entre os saberes envolvidos. Atualmente, contamos com leis que trazem a obrigatoriedade do ensino de cultura negra nas escolas – Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 –, leis que regem a educação com a valorização da cultura afro-brasileira. Entretanto devemos continuar lutando para que, de fato, a rede regular de ensino possa oferecer aos alunos uma educação de qualidade e as políticas públicas sejam efetivadas, propiciando atendimento adequado a todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABE, S. K. #CenpecTiradeLetra: alfabetização na pandemia, como avançar? **Cenpec**, 2022. Disponível em: https://www.cenpec.org.br/tematicas/cenpectiradeletra-alfabetizacao-pandemia. Acesso em: 10 jun. 2023.

ALMEIDA, M. E. B. **ProInfo**: Informática e Formação de Professores, Vol. 2. Série de Estudos Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, A. J. **Aprendizagem mediada em Geografia**: a formação e o desenvolvimento de conceitos em adolescentes. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 2021.

BORGES, E. M. F. **Inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica e Superior**: momento histórico ímpar. Facmais, 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 05 mai. 2020.

BRASIL. **Resolução CEB nº 2, de 7 de abril de 1998**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: 2013. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em ciências humanas e sociais. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 17 de fevereiro de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Carta Circular nº 166/2018**. Esclarecimento acerca da tramitação dos estudos do tipo "relato de caso" no Sistema CEP/Conep para a área biomédica. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: http://www.saude.ufpr.br/portal/cometica/wpcontent/uploads/sites/7/ 2018/07/Carta-Circular-166-2018-Tramita%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-do-tipo-relato-decaso.pdf. Acesso em: 05 fev. 2023.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, Minas Gerais, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

CANDAU, V. M. **Magistério**: construção cotidiana. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHAVES, L. C. M. R. *et al.* **O Uso do Smartphone para Ministrar Aulas na Educação Básica**. CIET: EnPED (2018).

COX Jr., T. **The multicultural organizational**. The Executive, 1991.

COX Jr., T. **Cultural diversity in organizations: theory, research & practice**. San Francisco: Berrett Koehler, 1993.

COX Jr., T. **A comment on the language of diversity**. Organization, v.1, n. 1, p. 51-58, 1994.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CUNHA, E. Fundamentos para promoção da educação inclusiva. **Diversa – Instituto Rodrigo Mendes**, 2022. Disponível em: https://diversa.org.br/artigos/fundamentos-para-promocao-da-educacao-inclusiva/. Acesso em: 24 de novembro de 2022.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIS, A. Y. **In a racist society, it is not enough to be non-racist, we must be anti-racist**. Nova York: University at Buffalo, [s. d.]. Disponível em: https://www.buffalo.edu/content/dam/www/inclusion/docs/Comm%20Health%20Equity.pdf. Acesso em: 17 jun. 2023.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, J. B. Estudos de caso em educação - Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 11, p. 113-132, 2008.

FETTERMANN, J. V.; TAMARIZ, A. D. R. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Texto Livre**, Belo Horizonte, MG, v. 14, n. 1, p. e24941, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/24941. Acesso em: 11 jun. 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completem. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 84ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GABRIEL, N. S.; MARÇAL, G. A.; IMBERNON, R. A. L.; PIOKER-HARA, F. C. O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. **Terrae Didatica**, Campinas, SP, v. 17, n. 00, p. e021005, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8663375. Acesso em: 11 jun. 2023.

GALVÃO, É. R. S. A importância da alfabetização aliada ao letramento para promover a aquisição do sistema de escrita alfabética. *In*: V Congresso Nacional de Educação (V CONEDU), 2018, Olinda. **Anais V CONEDU**. Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora, 2018.

GALVÃO, M. C. B. *et al.* Usos de tecnologias da informação e comunicação no ensino superior em enfermagem durante a pandemia da COVID-19. **Brazilian Journal of**

Information Science: research trends - BRAJIS, v. 15, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org//10.36311/1981.1640.2001.v15.e02108. Acesso em: 11 jun. 2023.

GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. Educação especial, formação de professores e o uso das tecnologias de informação e comunicação: a construção de práticas pedagógicas inclusiva. *In*: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (org.). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. São Paulo: Cultura Acadêmica/FEU/Unesp, 2012.

GUERRIERO, I. C. Z.; MINAYO, M. C. A aprovação da Resolução CNS nº 510/2016 é um avanço para a ciência brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 4, out.-dez. 2019. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/sausoc/2019.v28n4/299-310/pt. Acesso em: 11 jun. 2023.

HUVE, M. R.; BERTOLINI, C. **Formação continuada e o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação nas escolas municipais de ensino básico - séries iniciais - de Sarandi - RS**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Computação EaD), UAB/UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEONARDO, N. S. T. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas públicas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 2, jul.-dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/4f3jjzZhSMZcf3p5D3vr9Zk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr. 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor? Adeus professora?** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, M. C. S. R. *et al.* Histórico da Inclusão Escolar: uma discussão entre texto e contexto. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n.2. Maringá, abr.-jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/j/pe/a/fB3fsKCgTpyLh5w55zRkFr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 abr. 2023.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO, J. N. B.; LIMA, J. V.; CARDOSO, E. Os desafios para a superação das barreiras atitudinais na educação escolar: estudo de caso com alunos de um colégio público. *In*: PERRY, G. T.; CARDOSO, E.; KULPA, C. C. (org.). **Informática na Educação**: Recursos de Acessibilidade da Comunicação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MONTEIRO, H. R. S *et al.* A importância das oficinas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. *In*: FRANÇA-CARVALHO, A. D.; MARTINS, C. H. R.; CONDE, E. P.; MONTEIRO, H. R. S. (org.) **Estratégias de ensino**: propostas multidisciplinares de aprendizagens significativas. Teresina, EDUFPI, 2013.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. *In*: MORAN, J. M.; BACICH, L. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOREIRA, M. A.; NARDI, R. O mestrado profissional na área de Ensino de Ciências e Matemática: alguns esclarecimentos. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 2, n. 3, p. 1-9, set./dez. 2009.

MORTATTI, M. R. L. Brasil, 2091: Notas sobre a "política nacional de alfabetização". **Olhares**: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v.7, n. 3, p. 17-51, 2019. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/9980. Acesso em: 15 jun. 2023.

MOURA, A. F.; LIMA, M. A. A reinvenção da roda: Roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 19 mar. 2022.

NASCIMENTO, A. C. A. Objetos de aprendizagem: entre a promessa e a realizada. *In*: NASCIMENTO, A. C. A. **Inclusão Educacional**: história e cultura indígena e afro-brasileira nos currículos escolares. Reunião Científica Regional da ANPED. UFPR, 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo9_CLARICE-ANTUNES-DO-NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

NUNES, J. B. C. Ética em Pesquisa nas dissertações e teses da área de Educação: um olhar para a região Nordeste. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092021000100601&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 mai. 2022.

OLIVEIRA, A. T. **O ensino de Ciências e a Deficiência Físico-Motora**: discutindo a formação docente com enfoque na Tecnologia Assistiva. 2020. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

PENA, R. F. A. O que é cidadania? *In*: **Brasil Escola**. 2020. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-cidadania.htm. Acesso em: 11 jun. 2023.

POSSOLLI, G. E.; GUBERT, R. Portfólio como ferramenta metodológica e avaliativa. *In*: TORRES, P. L. (org.). **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENAR, 2014.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. 24ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

RIO DE JANEIRO. **Projeto Travessia – 6ª CRE**. Rio de Janeiro: Rioeduca, 2019. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo/?id=10694171. Acesso em: 25 mar. 2022.

SABINI, M. A. C. **Psicologia aplicada à educação**. São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS JÚNIOR, V. B.; MONTEIRO, J. C. S. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar**, [S. l.], v. 2, p. 01-15, 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583. Acesso em: 11 jun. 2023.

SCHUSTER, S. C. **Desenvolvimento infantil em Vygotsky**: contribuições para a mediação pedagógica na educação infantil. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2016.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SILVA, N. C.; CARVALHO, B. G. E. Compreendendo o processo de Inclusão no Brasil na perspectiva dos professores: uma revisão integrativa. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v. 23, n. 2, abr.-jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/5QWT88nTKPL4VMLSGRG7dSM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr. 2023.

SILVA, C. L.; LEME, M. I. S. O papel do diretor escolar na implantação de uma cultura educacional inclusiva. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 29, n. 3, p. 494-511, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000300006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 dez. 2022.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, (52), p. 19-24, 1985. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1358. Acesso em: 11 jun. 2023.

SOARES, M. B. Prêmio FUNDEP/1989. **Revista Educação**, Belo Horizonte, (10), p. 76-78, dez. 1989.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935. Acesso em: 05 jan. 2018.

SOARES, M. B. O que é letramento. *In*: **Diário na escola – Santo André**. 2003. Disponível em: http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan.-abr. 2004.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento**. 7ª ed. São Paulo. Contexto, 2017.

SOUSA, J. S. Reflexividade sobre a cultura indígena na formação docente: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/7138/6253. Acesso em: 01 jun. 2023.

STAKE, R. E. Case studies. *In*: DENSIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousands Oaks: Sage, 1998.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação Inclusiva**: Conheça O Histórico Da Legislação Sobre Inclusão. 2020. Educação Inclusiva: fique de olho na lei e saiba tudo sobre esse assunto. Disponível em: todospelaeducacao.org.br. Acesso em: 18 abr. 2023.

VIEIRA, E. S. **As contribuições da literatura infantil para crianças com necessidades educativas especiais**. 2015. Monografia - Universidade de Brasília – UnB Instituto de Psicologia – IP Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS, Brasília, 2015.

VIEIRA JÚNIOR, I. L.; MELO, J. C. Utilizando as tecnologias na educação: possibilidades e necessidades nos dias atuais/ Using technologies in education: possibilities and needs nowadays. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 34301-34313, 2021. Disponível

em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27591/21827. Acesso em: 01 jun. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de Defectología**. Obras Completas, tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**: fundamentos de defectologia. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

WEISSMANN, H. **Didática das ciências naturais**. São Paulo: Artmed, 1984.

APÊNDICES

Apêndice A – Parecer consubstanciado do CEP - UFRJ

FACULDADE DE ODONTOLOGIA/UFRJ

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A recomposição do processo de alfabetização e letramento no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação

Pesquisador: MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 65296522.8.0000.0268

Instituição Proponente: ASSOCIACAO CARIOCA DE ENSINO SUPERIOR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.988.030

Apresentação do Projeto:

Protocolo 013-22. Respostas recebidas em 10/03/2023.

INTRODUÇÃO:

As tecnologias digitais na educação, representa o tema sobre o qual está se debruçando esta dissertação intitulada: A recomposição do processo de alfabetização e letramento no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação. A respeito deste tema, importante mencionar que o interesse pelo estudo sobre o processo de alfabetização em turmas de recomposição de aprendizagem teve origem nas observações de práticas de leituras e escritas na unidade onde atuo como professora de ensino fundamental, principalmente, no trabalho de leitura e escrita com os jovens com necessidades educacionais especiais. Isto porque, evidenciamos uma relação significativa desses discentes com o texto literário, e que demonstraram a necessidade de um aprofundamento teórico/prático sobre as contribuições que a Literatura aliada a ferramentas digitais, esperase proporcionar para o trabalho com a diversidade escolar.A escola precisa estabelecer a multiculturalidade, na qual os textos são trabalhados no espaço escolar. O professor, enquanto mediador da construção do conhecimento, necessita se reconhecer como parte do



processo de desenvolvimento do conhecimento do aluno e colocar-se como mediador da inclusão escolar, em que a diversidade seja entendida como suporte à prática docente. Portanto, o professor ao utilizar em sala de aula, as diferentes manifestações culturais, valorizando a diversidade cultural existente, aos poucos mantém um diálogo antirracista junto à comunidade escolarDe que maneira a utilização das novas tecnologias digitais poderia contribuir para alfabetização e letramento de alunos de segundo segmento do Ensino Fundamental das escolas municipais do Rio de Janeiro? Em um relato de experiência com uma turma do projeto Travessia. Os alunos da turma estão na faixa etária entre 11 e 16 anos, sendo alunos que estão na faixa etária do ensino fundamental II, mas, não estão alfabetizados, e não estão dentro da faixa etária dos alunos do PEJA. Acredita-se que o processo de alfabetização de alunos do segundo segmento do ensino fundamental em turmas de recomposição de aprendizagem que, diga-se de passagem, foram bastante afetadas pela pandemia de COVID-19, se balizado por materiais lúdicos e jogos analógicos sustentados por práticas antirracistas pode promover uma alfabetização com muito mais eficiência, haja vista que seria muito mais inclusiva e representativa.A pesquisadora em questão é Marcela de Fátima Fernandes Marques professora regente da turma T-01 da (04.31.026), E.M. Herbert Moses, orientada pela professora Doutora Veronica Eloi,e co-orientada pela professora Rosa Lidice de Morais Valim, da UNICARIOCA. O projeto visa analisar o processo de alfabetização em alunos que chegaram ao segundo segmento do ensino fundamental, com anuência e supervisão da escola. O estudo investiga como as tecnologias podem auxiliar a alfabetização e letramento utilizando práticas antirracistas, entre outras atividades pretendemos utilizar um alfabetário antirracista, rodas de conversa, jogos e outras metodologias com auxílio de tecnologias para alfabetização dos alunos do Projeto Travessia da Escola Municipal Herbert Moses em Jardim América. Para tal análise serão necessários recursos digitais como smartphones, projetores, computador, wi fi e recursos analógicos
como papel, livros, caneta, lápis, borracha, cartolina.O processo ensino aprendizagem precisa levar em conta tais tecnologias já utilizadas pelos jovens, estas podem ser vistas como um auxílio do processo de ensino e aprendizagem, principalmente no letramento e alfabetização, o qual vai aproximar a escola da realidade dos discentes vivenciada fora do
espaço escolar, também deverá estar ligado a proposta pedagógica da escola, que neste caso está relacionada as práticas antirracistas. No aspecto da tecnologia percebe-se que a escola pública necessita tornar-se uma escola dinâmica que possa ser atraente aos jovens e, principalmente, possa prepará-los de forma a compartilhar o que aprendem. É importante que a escola acompanhe a evolução social e os educadores estejam capacitados para atuar perante os desafios tecnológicos



do século XXI. Fora dos muros da escola, o aluno pode viver em um universo rico, cheio de novidades e ambientes que estimulem a criatividade; ter contato com o mundo, diferentes culturas e novas experiências podem contribuir para o processo de alfabetização de forma mais eficiente e ao mesmo tempo enriquecedora culturalmente.O conhecimento escolar não pode estar separado do meio histórico e social no qual o aluno está inserido, pois, a escola precisa prepará-lo para os desafios que a vida apresenta. “Por mais rica que a experiência escolar seja” (SABINI, 1986, p. 21), ela não corresponderá a todas as situações que ele enfrentará fora dela, portanto é fundamental, que no ambiente escolar, as oportunidades de aprendizagem sejam mais dinâmicas e diversificadas e promovam o crescimento tanto cognitivo quanto emocional do aluno.Segundo a Carta Circular No. 166/ 2018 CONEP/SECNS/MS (CNS, 2018) pode-se consubstanciar relato de caso (ou relato de experiência) de duas formas distintas: (1) pode-se realizar um projeto de relato de caso ou (2) um projeto de caso propriamente dito. O primeiro faz jus ao planejamento do relato, bem como demanda autorização prévia à Plataforma Brasil (antes da construção do relato em si). Já o segundo pressupõe encaminhamento do relato de caso à Plataforma Brasil em sua forma já consubstanciada, assim, a requisição de autorização à Plataforma Brasil realiza-se após a redação do relato em si, para validação do processual ético/metodológico que norteou a pesquisa. Nesse sentido, respeitaram -se as resoluções 50/2016 e 466/2012, bem como o conceito de Relato de Caso (ou Relato de Experiência) definindo sucintamente por Mussi (2021) que afima que "[...] manuscritos do tipo relato de experiência permitem a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais. Neste sentido, é fundamental que sua escrita garanta sua apresentação a partir da perspectiva acadêmica."Sabe-se que a Carta circular 166 dirige-se de forma mais específica à área biomédica, todavia, suas ponderações cabem para a área da docência, haja vista que ações profissionais da prática contingencial docente muitas vezes demandam delineamento descritivo, sem grupo controle, de caráter narrativo e reflexivo, cujos dados são provenientes da prática cotidiana ou da atividade profissional. Assim, este o relato de caso, foi constituído antes de ser apresentado à Plataforma Brasil, a partir de diários de classe com anotações relativas ao planejamento das aulas e ao modo como as aulas se desenrolaram. A decisão de construir o campo desta dissertação a partir destes dados surgiu pois se constatou a pertinência dos elementos constituintes do contexto.

HIPÓTESE:

O que motivou a escolha do tema para este projeto se originou da experiência profissional e da constatação das condições de baixo aproveitamento escolas, fruto de anos lecionando tanto na rede pública quanto privada, sem perceber mudanças significativas, um dos motivos observados é a falta de atratividade no ambiente escolar, professores com as mesmas de anos anteriores, o caderno de planejamento se repetindo por anos e alunos desmotivados. Os alunos socialmente mais desprivilegiados sofrendo inclusive com o preconceito, bullying e o racismo, dentro e fora do espaço escolar.A escola democrática é direito de todos e os professores são parcialmente responsáveis pela cidadania dos alunos, e a transmissão de valores, sendo neste contexto onde se percebe a necessidade de se desenvolver práticas mais atraentes aos alunos que foram atingidos pelo Ensino Remoto Contingencial, e não tiveram acesso as redes de comunicação. Esses discentes foram sendo aprovados automaticamente, chegando ao segundo segmento com déficit na alfabetização. Por esse motivo, a proposta de utilizar Novas Tecnologias – Digitais ou Analógicas – no processo de alfabetização e letramento desses alunos trouxe a inspiração para desenvolver essa pesquisa, que traz essa inquietação sobre um Novo Olhar para esses alunos que precisam ser alfabetizados, mesmo fora da faixa etária.Segundo PNAD (Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua) (PNAD-Continua, IBGE) 2019 a 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças entre 6 e 7 anos não sabiam ler e escrever, de acordo com os seus responsáveis – um total de 2,4 milhões de crianças entre 6 e 7 anos nessa situação em 2021. Os dados também mostram como a pandemia afetou de forma desigual crianças de diferentes classes sociais. A diferença no percentual de crianças brancas nessa faixa que não sabiam ler e escrever aumentou de 8,5% em 2019 para 12,3%. Entre as crianças mais pobres, o percentual aumentou de 33,6% para 51%, de 2019 a 2021; enquanto, entre as mais ricas, o aumento foi de 11,4% para 16,6%.Segundo JUNQUEIRA, as crianças pardas e negras já sofriam com os processos de alfabetização, entretanto a pandemia da COVID-19 acentuou as desigualdades. Vale lembrar que 80,9% da população presente na educação básica brasileira se encontra estudando em escolas públicas.O projeto está inserido realizada em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro, localizada em um bairro da zona norte, Jardim América, E. M. Herbert Moses. A escolha da escola para realização da pesquisa foi motivada pelo carinho e admiração que a pesquisadora e professora da Unidade tem com a comunidade escolar e ao trabalho já pertencente a escola de combate ao racismo e a proliferação de práticas antirracistas na escola. Em 2018, ao ingressar no quadro de funcionários permanente desta escola, tendo a oportunidade de acompanhar de perto a dedicação e a competência dos profissionais que lá atuam. Atenderá aos alunos do Projeto Travessia, estes matriculados no segundo segmento do ensino fundamental. Tais alunos apresentam dificuldades de aprendizado,



chegando a mal conhecerem o alfabeto, potencializando a necessidade de novas abordagens que serão postas em prática, como a utilização de ferramentas digitais e o alfabetário que visa despertar os alunos para a leitura. A educação escolar possui um papel insubstituível como provedora de conhecimentos básicos e habilidades cognitivas e operativas necessárias para a participação na vida social e no que significa o acesso à cultura, ao trabalho, ao progresso e à cidadania. (LIBANEO, apud WEISSMANN, 1984, p. 16).A escola precisa estabelecer a multiculturalidade, na qual os textos são trabalhados no espaço escolar. O professor, enquanto mediador da construção do conhecimento, necessita se reconhecer como parte do processo de desenvolvimento do conhecimento do aluno e colocar-se como mediador da inclusão escolar, em que a diversidade seja entendida como suporte a prática docente.

METODOLOGIA:

A metodologia se dará dentro do ambiente escolar, tendo por abordagem dos participantes, o local de estudo (escola), seu período de aula, sem necessidade de acompanhantes externos, portanto, tendo por método o relato de experiencia, que se dará através das avaliações do desempenho dos alunos mediante instrumentos que já lhes são comuns, seus materiais de aula como lápis, canetas, cadernos, apostilas e/ou livros além das ferramentas digitais, ou seja, smartphones, tablets... A pesquisadora fará uso do alfabetário antirracista, de elaboração própria, que tem por finalidade, incentivar a alfabetização e letramento através de personalidades afrodescendentes que por meio de QR code, podem ser acessadas as suas biografias, composta de pessoas que tem ou tiveram uma atuação marcante dentro de seu nicho profissional, artístico ou esportivo. Segundo a Carta Circular No. 166/ 2018 CONEP/SECNS/MS (CNS, 2018) pode-se consubstanciar relato de caso (ou relato de experiência) de duas formas distintas: (1) pode-se realizar um projeto de relato de caso ou (2) um projeto de caso propriamente dito. O primeiro faz jus ao planejamento do relato, bem como demanda autorização prévia à Plataforma Brasil (antes da construção do relato em si). Já o segundo pressupõe encaminhamento do relato de caso à Plataforma Brasil em sua forma já consubstanciada, assim, a requisição de autorização à Plataforma Brasil realiza-se após a redação do relato em si, para validação do processual ético/metodológico que norteou a pesquisa. Nesse sentido, respeitaram -se as resoluções 50/2016 e 466/2012, bem como o conceito de Relato de Caso (ou Relato de Experiência) definindo sucintamente por Mussi (2021) que afima que "[...] manuscritos do tipo relato de experiência



permitem a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais. Neste sentido, é fundamental que sua escrita garanta sua apresentação a partir da perspectiva acadêmica."Sabe-se que a Carta circular 166 dirige-se de forma mais específica à área biomédica, todavia, suas ponderações cabem para a área da docência, haja vista que ações profissionais da prática contingencial docente muitas vezes demandam delineamento descritivo, sem grupo controle, de caráter narrativo e reflexivo, cujos dados são provenientes da prática cotidiana ou da atividade profissional. Assim, este o relato de caso, foi constituído antes de ser apresentado à Plataforma Brasil, a partir de diários de classe com anotações relativas ao planejamento das aulas e ao modo como as aulas se desenrolaram. A decisão de construir o campo desta dissertação a partir destes dados surgiu pois se constatou a pertinência dos elementos constituintes do contexto.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Não informado.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Não informado.

Objetivo da Pesquisa:
OBJETIVO PRIMÁRIO:

Trabalhar o processo de alfabetização de jovens do segundo segmento do ensino fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem com o uso dos jogos analógicos e materiais lúdicos que estimulem práticas antirracistas.

OBJETIVO SECUNDÁRIO:

- Realizar pesquisas bibliográficas sobre os processos de alfabetização, letramento, recomposição de aprendizagem, jogos e a alfabetização;
- Analisar a implementação da legislação que torna obrigatória o ensino da História e Cultura Indígena, além do estudo da história e cultura afrobrasileira;
- Utilizar jogos e práticas lúdicas no processo de aprendizagem e desenvolvimento individual dos



alunos;- Observar como o grupo de jovens são motivados e valorizados com o tema, promovendo a melhora da autoestima, autoconfiança e representatividade na comunidade escolar;
- Realizar o relato das experiências em sala de aula e contextualizar entre o relato e a literatura, cruzando as informações;
- Verificar se a metodologia desenvolvida atende às necessidades pedagógicas quanto aos estímulos das habilidades de leitura e escrita no processo de recomposição de aprendizagem na alfabetização.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
SEGUNDO A PESQUISADORA:

RISCOS:

Toda pesquisa é passível de riscos. Nessa o risco pode ser avaliado como mínimo, já que o participante só realizará as tarefas que já fazem parte do seu dia a dia da escola, isto é, o participante pode apresentar timidez na hora da roda de leitura, inibição na apresentação dos trabalhos, expor opinião diferente da maioria do grupo e se sentir desconfortável. Entende-se que por se tratar de uma pesquisa com coleta de dados, onde os participantes são alunos da rede pública e integram o Projeto Travessia, estão expostos na medida em que seu desempenho estará registrado, contudo, os riscos a que nos alunos estão expostos podem ser de ordem intelectual, como constrangimento, desconforto, medo de participar, vergonha, pois esse grupo de alunos já ultrapassou a faixa etária da alfabetização correta; Para evitar e/ou minimizar os riscos, a pesquisadora manterá os dados dos alunos em sigilo, não será compartilhada nenhuma informação que prejudique ou exponha o indivíduo pesquisado. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não participar de qualquer etapa pesquisa ou até desistir a qualquer momento.

BENEFÍCIOS:

Espera-se trazer à população estudada como benefícios, a construção de saberes, aprimorar o seu conhecimento sobre a literatura étnico-racial e o prazer pela leitura de forma lúdica, possibilitando a maior interação social e o respeito e valorização a diversidade étnica do país, visto que quanto maior o grau de conhecimento que vem através da alfabetização, maiores oportunidades de crescimento pessoal e profissional, o que proporciona uma sociedade mais

igualitária. O que equivale dizer, que a pesquisa trará benefícios diretos e indiretos, tanto aos participantes, quanto a comunidade a que pertencem. Os benefícios de participação na pesquisa estão relacionados ao desenvolvimento de novas práticas de alfabetização dos jovens que não possuem idade para frequentar as turmas de Educação de jovens e Adultos (EJA) mas também sofreram danos com o ensino remoto contingencial, além da inclusão de ferramentas digitais e assim desenvolver uma consciência cidadã, empática e colaborativa com nossos pares.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Trata-se de respostas às pendência emitidas no parecer # 5.921.470, emitido em 02 de março de 2023.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Vide item "Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações".

Recomendações:
Vide item "Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
1.2 Anexar documento comprometendo-se a:

1.2.1 Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (Resolução CNS nº 466 de 2012, item XI.g).

1.2.2 Divulgar os resultados para os participantes da pesquisa e para as instituições onde os dados foram obtidos (Norma Operacional CNS n° 001 de 2013, item 3.4.14).

1.2.3 Anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais (Norma Operacional CNS n° 001 de 2013, item 3.3.c).

Resposta 1: Ele encontra-se com o nome TCP- Termo de Compromisso da Pesquisadora.

Análise 1: O documento não encontra-se anexado. Pendência não atendida.

Resposta 2: Ele encontra-se com o nome TCP- Termo de Compromisso da Pesquisadora.

FACULDADE DE ODONTOLOGIA/UFRJ

Continuação do Parecer: 5.988.030

Análise 2: Pendência atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

1. De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n. 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais - a contar da data de aprovação do protocolo - que permitam ao Cep acompanhar o desenvolvimento dos projetos. Esses relatórios devem ser assinados pelo pesquisador responsável e conter as informações detalhadas - naqueles itens aplicáveis - nos moldes do relatório final contido no endereço: http://conselho.saude.gov.br/comites-de-etica-em-pesquisa-conep?view=default(clicar na aba Documentos Orientadores), bem como deve haver menção ao período a que se referem. As informações contidas no relatório devem ater-se ao período correspondente e não a todo o período da pesquisa até aquele momento. Para cada relatório, deve haver uma notificação separada. A submissão deve ser como Notificação (consultar pág. 69 no arquivo intitulado "1 - Manual Pesquisador - Versão 3.2,39 disponível no endereço http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf Anexar em arquivo com recurso "copiar e colar".

2. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, identificando-se, por cor, negrito ou sublinhado, a parte do documento a ser modificada, isto é, além de apresentar o resumo das alterações, juntamente com a justificativa, é necessário destacá-las no decorrer do texto (item 2.2.1.H.1, da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2049504.pdf	10/03/2023 21:07:07		Aceito
Outros	CARTARESPOSTAAOCEP.doc	10/03/2023 21:04:37	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	3cartacep.docx	10/03/2023 21:01:28	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco, nº 325 - 2° andar, sala 01 - Setor de coordenações Acadêmicas da FOUFRJ
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 21.941-617
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-2051 **E-mail:** cep@odonto.ufrj.br

FACULDADE DE ODONTOLOGIA/UFRJ

Continuação do Parecer: 5.988.030

Outros	TCP.pdf	09/03/2023 23:00:02	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	CartaResposta.docx	04/02/2023 15:07:55	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	tale.docx	04/02/2023 15:05:49	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAId.pdf	30/12/2022 19:50:07	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	30/12/2022 19:48:19	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	29/12/2022 21:50:07	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	10/11/2022 20:11:20	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 06 de Abril de 2023

Assinado por:
Carlos Alberto Guimarães
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco, nº 325 - 2º andar, sala 01 - Setor de coordenações Acadêmicas da FOUFRJ
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 21.941-617
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-2051 **E-mail:** cep@odonto.ufrj.br

Apêndice B – Parecer consubstanciado do CEP - SMS/RJ

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO RIO DE JANEIRO - SMS/RJ

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A recomposição do processo de alfabetização e letramento no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação

Pesquisador: MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65296522.8.3001.5279

Instituição Proponente: RIO DE JANEIRO SEC MUNICIPAL DE SAUDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.069.342

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos Apresentação do Projeto, Objetivo da Pesquisa e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram retiradas do arquivo:

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2118108.pdf, de 07/05/23.

Resumo:

O projeto visa alcançar alunos do segundo segmento do ensino fundamental, matriculados na Escola Municipal Herbert Moses, com idades entre 11 e 16 anos, que apesar de estarem inseridos em turmas adequadas a sua faixa etária. Para tornar possível este projeto se fará necessário contar com parcerias que tornem relevantes o que se pretende realizar, a exemplo disso, pode-se citar a presença de professores (entre outros, que se julgue pertinente) que contribuirão com palestras trazendo suas experiências na área da educação, a exemplo do professor Otávio Júnior, comprometido com a essência do projeto. O corpo técnico constituído desta pesquisadora responsável pelo desenvolvimento e execução: Marcela de Fatima Fernandes Marques, que pela observação da defasagem em que se encontram tais alunos, buscará agregar conhecimento pela experiência de outros professores. Os recursos que serão necessários para a execução do projeto são em sua maioria didáticos, que os alunos têm acesso em seu cotidiano escolar como: lápis, canetas, cadernos, bem como será preciso a utilização de aparelhos eletrônicos como

smartphones que já são de uso comum entre os adolescentes e que manuseiam com destreza, notebook (professora) e o alfabetário antirracista. O principal problema dos alunos é não estarem devidamente alfabetizados, além do fato de terem sido aprovados em condições adversas (em parte em virtude dos 2 anos de pandemia), onde os alunos foram privados das aulas presenciais, e no sistema hibrido e online, tiveram seu aproveitamento e desempenho prejudicado. Tendo por expectativa alfabetizar os alunos, sendo esta a principal demanda apresentada pelos alunos. O projeto tem por objetivo trabalhar o processo de alfabetização de jovens do segundo segmento do ensino fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem com o uso dos jogos analógicos e materiais lúdicos que estimulem práticas antirracistas. Estabelecendo como meta a prática de alfabetização para jovens que chegaram ao segundo segmento com essa deficiência, além de permitir a incorporação de práticas antirracistas na escola disseminando no espaço escolar boas práticas de convivência, respeito, cidadania, diversidade e inclusão. O que espera ter por resultado elevar o nível de letramento e alfabetização dos alunos, para adequarem-se as séries em que se encontram matriculados.

Metodologia Proposta:
A metodologia se dará dentro do ambiente escolar, tendo por abordagem dos participantes, o local de estudo (escola), seu período de aula, sem necessidade de acompanhantes externos, portanto, tendo por método o relato de experiencia, que se dará através das avaliações do desempenho dos alunos mediante instrumentos que já lhes são comuns, seus materiais de aula como lápis, canetas, cadernos, apostilas e/ou livros além das ferramentas digitais, ou seja, smartphones, tablets... A pesquisadora fará uso do alfabetário antirracista, de elaboração própria, que tem por finalidade, incentivar a alfabetização e letramento através de personalidades afrodescendentes que por meio de QR code, podem ser acessadas as suas biografias, composta de pessoas que tem ou tiveram uma atuação marcante dentro de seu nicho profissional, artístico ou esportivo. Segundo a Carta Circular No. 166/ 2018 CONEP/SECNS/MS (CNS, 2018) pode-se consubstanciar relato de caso (ou relato de experiência) de duas formas distintas: (1) pode-se realizar um projeto de relato de caso ou (2) um projeto de caso propriamente dito. O primeiro faz jus ao planejamento do relato, bem como demanda autorização prévia à Plataforma Brasil (antes da construção do relato em si). Já o segundo pressupõe encaminhamento do relato de caso à Plataforma Brasil em sua forma já consubstanciada, assim, a requisição de autorização à Plataforma Brasil realiza-se após a redação do relato em si, para validação do processual ético/metodológico que norteou a pesquisa. Nesse sentido, respeitaram -se as resoluções 50/2016

e 466/2012, bem como o conceito de Relato de Caso (ou Relato de Experiência) definindo sucintamente por Mussi (2021) que afima que "[...] manuscritos do tipo relato de experiência permitem a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais. Neste sentido, é fundamental que sua escrita garanta sua apresentação a partir da perspectiva acadêmica. "Sabe-se que a Carta circular 166 dirige-se de forma mais específica à área biomédica, todavia, suas ponderações cabem para a área da docência, haja vista que ações profissionais da prática contingencial docente muitas vezes demandam delineamento descritivo, sem grupo controle, de caráter narrativo e reflexivo, cujos dados são provenientes da prática cotidiana ou da atividade profissional. Assim, este o relato de caso, foi constituído antes de ser apresentado à Plataforma Brasil, a partir de diários de classe com anotações relativas ao planejamento das aulas e ao modo como as aulas se desenrolaram. A decisão de construir o campo desta dissertação a partir destes dados surgiu pois se constatou a pertinência dos elementos constituintes do contexto.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Trabalhar o processo de alfabetização de jovens do segundo segmento do ensino fundamental, em turmas de recomposição de aprendizagem com o uso dos jogos analógicos e materiais lúdicos que estimulem práticas antirracistas.

Objetivo Secundário:

- Realizar pesquisas bibliográficas sobre os processos de alfabetização, letramento, recomposição de aprendizagem, jogos e a alfabetização;

-Analisar a implementação da legislação que torna obrigatória o ensino da História e Cultura Indígena, além do estudo da história e cultura afrobrasileira;

- Utilizar jogos e práticas lúdicas no processo de aprendizagem e desenvolvimento individual dos alunos;

- Observar como o grupo de jovens são motivados e valorizados com o tema, promovendo a melhora da autoestima, autoconfiança e representatividade na comunidade escolar;

-Realizar o relato das experiências em sala de aula e contextualizar entre o relato e a literatura, cruzando as informações;

- Verificar se a metodologia desenvolvida atende às necessidades pedagógicas quanto aos estímulos das habilidades de leitura e escrita no processo de recomposição de aprendizagem na alfabetização.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Toda pesquisa é passível de riscos. Nessa o risco pode ser avaliado como mínimo, já que o participante só realizará as tarefas que já fazem parte do seu dia a dia da escola, isto é, o participante pode apresentar timidez na hora da roda de leitura, inibição na apresentação dos trabalhos, expor opinião diferente da maioria do grupo e se sentir desconfortável. Entende-se que por se tratar de uma pesquisa com coleta de dados, onde os participantes são alunos da rede pública e integram o Projeto Travessia, estão expostos na medida em que seu desempenho estará registrado, contudo, os riscos a que nos alunos estão expostos podem ser de ordem intelectual, como constrangimento, desconforto, medo de participar, vergonha, pois esse grupo de alunos já ultrapassou a faixa etária da

alfabetização correta; Para evitar e/ou minimizar os riscos, a pesquisadora manterá os dados dos alunos em sigilo, não será compartilhada nenhuma informação que prejudique ou exponha o indivíduo pesquisado. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não participar de qualquer etapa pesquisa ou até desistir a qualquer momento.

Benefícios:

Espera-se trazer à população estudada como benefícios, a construção de saberes, aprimorar o seu conhecimento sobre a literatura étnico-racial e o prazer pela leitura de forma lúdica, possibilitando a maior interação social e o respeito e valorização a diversidade étnica do país, visto que quanto maior o grau de conhecimento que vem através da alfabetização, maiores oportunidades de crescimento pessoal e profissional, o que proporciona uma sociedade mais igualitária. O que equivale dizer, que a pesquisa trará benefícios diretos e indiretos, tanto aos participantes, quanto a comunidade a que pertencem. Os benefícios de participação na pesquisa estão relacionados ao desenvolvimento de novas práticas de alfabetização dos jovens que não possuem idade para frequentar as turmas de Educação de jovens e Adultos (EJA) mas também sofreram danos com o ensino remoto contingencial, além da inclusão de ferramentas digitais e assim desenvolver uma consciência cidadã, empática e colaborativa com nossos pares.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa com vistas à obtenção de título de Mestre do curso de mestrado profissional em Novas Tecnologias Digitais da Educação.

A pesquisa será realizada na Escola Municipal Herbert Moses.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados, satisfatoriamente, os Termos obrigatórios, conforme solicitados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após apreciação ética, este Comitê identificou as seguintes pendências:

1. Apresentar, no projeto detalhado, os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa;
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora menciona que: O projeto visa alcançar alunos do segundo segmento do ensino fundamental, matriculados na Escola Municipal Herbert Moses, com idades entre 11 e 16 anos, que apesar de estarem inseridos em turmas adequadas a sua faixa etária, fazem parte do processo de recomposição de aprendizagem denominado Projeto Travessia.
(...). Totaliza-se 22 pessoas, sendo 19 alunos sendo 09 meninos e 10 meninas, entre 12 e 16 anos e 3 professores.

2. Descrever, no projeto detalhado, de forma clara e objetiva, como se dará a etapa da pesquisa, em que menciona: "A pesquisadora fará uso do alfabetário antirracista, de elaboração própria, que tem por finalidade, incentivar a alfabetização e letramento através de personalidades afrodescendentes que por meio de QR code, podem ser acessadas as suas biografias, composta de pessoas que tem ou tiveram uma atuação marcante dentro de seu nicho profissional, artístico ou esportivo.
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora menciona que: Personalidades negras são selecionadas e gera-se QR CODE ligados a biografia dessas mesmas, onde através de câmera do celular, ou aplicativo de leitor QR code, os alunos da turma do Projeto Travessia abrem o site com a biografia, e através da identificação das letras do alfabeto, realiza a leitura do nome e do pequeno texto, promovendo um letramento digital e consolidando o processo de alfabetização dos 19 alunos, 09 meninos e 10 meninas, entre 12 e 16 anos, da E.M. Herbert Moses, da turma T-01 , Travessia.

2.1. Incluir como será a prática do uso do "Alfabetário antirracista" para os alunos que não possuem aparelhos com meios digitais;
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora menciona que: Os alunos que não têm acesso a smartphones farão uso

de aparelhos compartilhados, adquiridos pela pesquisadora que a mesma não fazia mais uso ou através de doação.

3. Incluir, no projeto detalhado, na metodologia do estudo, em qual momento ocorrerão as atividades da pesquisa, sem que tenha interferência na grade curricular dos participantes do estudo.
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora menciona que: "a aplicação ocorrerá de forma interdisciplinar, complementando o currículo, mas ao mesmo tempo sem prejuízo ao currículo comum e contribuindo para uma formação antirracista, tecnológica, cidadã. As atividades ocorrerão durante as aulas na sala de leitura, as terças feiras, entre 14:00 e 15:00 horas. A partir de um momento reservado na sala de leitura, será apresentado para os alunos as atividades referentes ao assunto da educação antirracista. Encontro com autor, e a partir daí uma roda de leitura com o livro " Da minha janela", leitura do QR CODE e o alfabetário digital antirracista, elaboração de jogos como descubra as palavras, caça palavras. Essas atividades estão incluídas no currículo da instituição e estão focadas na proposta por uma escola antirracista, já desenvolvida pela instituição."

4. Apresentar orçamento da pesquisa, pois todo projeto de pesquisa inclui custos que deverão ser discriminados de forma descritiva.
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora menciona que: Segue tabela de custos referente a pesquisa.

5. Incluir, no TCLE e no TALE, os dados deste Comitê, tais como telefone e endereço para possível contato do participante da pesquisa.
Resposta: De acordo com arquivo incluído nesta plataforma:CARTARESPOSTAAOCEP.doc, de 07/05/23, a pesquisadora descreve que: Acerto realizado.

Conforme respostas enviadas em cumprimento das pendências, este Comitê entende que a pesquisadora atendeu às exigências de acordo com o solicitado. Sendo assim, o presente projeto de pesquisa encontra-se aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:
Sr.(a) Pesquisador(a),
Atentamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo

aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP/SMS-RJ como emenda. Deve-se aguardar o parecer favorável do CEP/SMS-RJ antes de efetuar a modificação. Atentar para a necessidade de atualização do cronograma da pesquisa.

Caso ocorra alguma alteração no financiamento do projeto ora apresentado (alteração de patrocinador, modificação no orçamento ou copatrocínio), o pesquisador tem a responsabilidade de submeter uma emenda ao CEP/SMS-RJ solicitando as alterações necessárias. A nova Folha de Rosto a ser gerada deverá ser assinada nos campos pertinentes e anexada novamente na Plataforma Brasil para análise deste CEP/SMS-RJ.

O CEP/SMS-RJ deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas a este CEP/SMS-RJ, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Acrescentamos que o participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (item IV.3 .d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.5.d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Ressaltamos que o pesquisador responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Caso haja interrupção do projeto ou não publicação dos resultados, solicitamos justificar fundamentalmente ao CEP/SMS-RJ.

Quando se tratar de pesquisas com seres humanos em instituições integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS), os procedimentos não deverão interferir na rotina dos serviços de assistência à saúde, a não ser quando a finalidade do estudo o justificar, e for expressamente autorizado pelo dirigente da instituição.

As pesquisas realizadas em instituições integrantes do SUS devem atender aos preceitos éticos e

de responsabilidade do serviço público e de interesse social, não devendo ser confundidas com as atividades de atenção à saúde.

Em razão da Pandemia, a realização da pesquisa ficará a critério do gestor da Unidade de Saúde avaliar caso seja necessária a suspensão, a interrupção ou o cancelamento da pesquisa devido às demandas de serviços decorrentes da Covid-19. Caso haja a suspensão, interrupção ou cancelamento da pesquisa caberá aos investigadores a submissão de notificação via Plataforma Brasil, para apreciação do Sistema CEP/CONEP. Para as pesquisas realizadas em instituições educacionais, ficará à critério do gestor/ diretor fazer a devida avaliação.

Este parecer possui validade de 12 meses a contar da data de sua aprovação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2118108.pdf	07/05/2023 21:47:38		Aceito
Outros	TCLE_sms.doc	07/05/2023 21:47:06	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	tale_sms.docx	07/05/2023 21:46:23	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	carta_resposta_sms.doc	07/05/2023 21:43:09	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAAOCEP.doc	10/03/2023 21:04:37	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	3cartacep.docx	10/03/2023 21:01:28	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	TCP.pdf	09/03/2023 23:00:02	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	CartaResposta.docx	04/02/2023 15:07:55	MARCELA DE FATIMA	Aceito

Outros	CartaResposta.docx	04/02/2023 15:07:55	FERNANDES MARQUES	Aceito
Outros	tale.docx	04/02/2023 15:05:49	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAId.pdf	30/12/2022 19:50:07	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	30/12/2022 19:48:19	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	29/12/2022 21:50:07	MARCELA DE FATIMA FERNANDES MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 19 de Maio de 2023

Assinado por:
Salesia Felipe de Oliveira
(Coordenador(a))

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações aos participantes

A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação

Pesquisador responsável: Marcela de Fátima Fernandes Marques

Telefone para contato: [redacted]

Outras formas de contato: [redacted]

2 – Convite

Você está sendo convidado(a) a consentir a participação do seu filho na pesquisa A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação, de responsabilidade da pesquisadora Marcela de Fátima Fernandes Marques. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa. Caso esteja de acordo, será necessário rubricar todas as folhas e assinar a folha 4.

3 – O que é o projeto?

O projeto consiste em relatar a experiência do uso de tecnologias digitais e analógicas no processo de alfabetização e letramento dos alunos do projeto Travessia, através do uso de

práticas antirracistas em sala de aula. Devido a especificidade da situação devemos estudar os impactos do fechamento das unidades escolares e da prática do ensino contingencial remoto após a reabertura das Unidades Escolares no município do Rio de Janeiro.

O projeto passará pelo CEP – Comitê de Ética e Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas nas instituições e tem como uma das principais funções proteger os participantes da pesquisa de qualquer problema. O CEP que avaliará o nosso trabalho será o da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – cep@odonto.ufrj.br) junto com o cep coparticipante que será a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro – SMS/RJ.

4 – Qual é o objetivo do estudo?

O projeto visa analisar o processo de alfabetização em alunos que chegaram ao segundo segmento do Ensino Fundamental, com anuência e supervisão da escola. O estudo investiga como as tecnologias podem auxiliar a alfabetização e/ ou letramento utilizando práticas antirracistas. Entre outras atividades pretendemos utilizar um alfabetário antirracista, rodas de conversa, jogos e outras metodologias com auxílio de tecnologias para alfabetização dos alunos do Projeto Travessia da Escola Municipal Herbert Moses em Jardim América.

Os alunos participarão de oficinas com o alfabetário digital, onde, através da imagem da personalidade identificará as letras que compõe o nome, e com a leitura do QR Code através do celular, o aluno iniciara o reconhecimento de letras, silabas, e frases que estão digitalmente expostas.

Através de rodas de conversa com autores de literatura infanto-juvenil, os alunos poderão interagir formando palavras, frases, através de textos, desenhos, e outras manifestações que aproximam a realidade do aluno a história contada.

Serão realizados jogos como palavras cruzadas, caça palavras, que vão estimular os alunos a pesquisarem e analisarem a formação de palavras principalmente as palavras de origem indígena e de contribuição da literatura afro-brasileira.

As rodas de conversa trarão textos onde os alunos deverão refletir sobre o posicionamento social da população negra e indígena. Podcast serão criados para estimular a alfabetização através da prática fonológica.

Portanto, oito (8) visitas serão feitas com a participação dos alunos da turma.

4.1 – Detalhamento das atividades do Projeto: A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação.

5 – Por que você foi escolhido(a)?

As atividades serão oferecidas para todos e a participação é voluntária, conforme desejo e autorização dos interessados.

6 – Eu tenho que participar?

Você é quem decide se gostaria de consentir a participação de seu(a) filho (a) ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir consentir a participação no projeto A recomposição do processo de alfabetização no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação você receberá esta folha de informações para guardar e deverá assinar um termo de consentimento. Mesmo se decidir consentir, você ainda tem a liberdade de mudar de ideia e retirar o aluno do estudo a qualquer momento, sem dar justificativas. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades. O participante do projeto irá receber uma via do documento assinada pelo pesquisador e pelo representante legal do participante, rubricada por ambos em todas as páginas.

7 – O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Caso concorde em participar o(a) Sr(A) irá acompanhar o processo de alfabetização e letramento e o desenvolvimento do mesmo com práticas antirracistas. É necessário observar o desenvolvimento do processo de alfabetização e a metodologia utilizada verificando a evolução ou não das atividades elaboradas para alfabetizar os alunos.

8 – O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?

Só o desejo de participar.

9 – Quais são os riscos ao consentir a participação do estudo?

Toda pesquisa é passível de riscos. Nessa o risco pode ser avaliado como mínimo, já que o participante só realizará as tarefas que já fazem parte do seu dia a dia da escola, isto é, o participante pode apresentar timidez na hora da roda de leitura, inibição na apresentação dos trabalhos, expor opinião diferente da maioria do grupo e se sentir desconfortável.

Entende-se que por se tratar de uma pesquisa com coleta de dados, onde os participantes são alunos da rede pública e integram o Projeto Travessia, estão expostos na medida em que seu desempenho estará registrado, contudo, os riscos a que nos alunos estão expostos podem ser de ordem intelectual, como constrangimento, desconforto, medo de participar, vergonha, pois esse grupo de alunos já ultrapassou a faixa etária da alfabetização correta; Para evitar e/ou minimizar os riscos, a pesquisadora manterá os dados dos alunos em sigilo, não será compartilhada nenhuma informação que prejudique ou exponha o indivíduo pesquisado. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não participar de qualquer etapa pesquisa ou até desistir a qualquer momento.

10 – Quais são os possíveis benefícios de participar?

Espera-se trazer à população estudada como benefícios, a construção de saberes, aprimorar o seu conhecimento sobre a literatura étnico-racial e o prazer pela leitura de forma lúdica, possibilitando a maior interação social e o respeito e valorização a diversidade étnica do país, visto que quanto maior o grau de conhecimento que vem através da alfabetização, maiores oportunidades de crescimento pessoal e profissional, o que proporciona uma sociedade mais igualitária. O que equivale dizer, que a pesquisa trará benefícios diretos e indiretos, tanto aos participantes, quanto a comunidade a que pertencem.

Os benefícios de participação na pesquisa estão relacionados ao desenvolvimento de novas práticas de alfabetização dos jovens que não possuem idade para frequentar as turmas de Educação de jovens e Adultos (EJA) mas também sofreram danos com o ensino remoto contingencial, além da inclusão de ferramentas digitais e assim desenvolver uma consciência cidadã, empática e colaborativa com nossos pares.

11 – O que acontece quando o estudo termina?

A equipe de pesquisa fará uma devolutiva no campo sobre os resultados. Além disso, os resultados vão compor o ACERVO de pesquisas da UNICARIOCA ficando disponíveis para consulta. Os achados da pesquisa também buscam contribuir para a formulação de diretrizes educacionais eficazes aos impactos da pandemia.

12 – E se algo der errado?

Só trabalharemos com o consentimento dos envolvidos. Não há no projeto nada previsto para forçar nem expor aos participantes risco. Entretanto eles poderão sentir-se constrangidos, com medo, algum desconforto, vergonha, preconceito, desrespeito. Entretanto todo trabalho e sigiloso, evitando e/ou reduzindo os danos aos participantes.

13 – A participação neste estudo será mantida em sigilo?

Dados da pesquisa serão publicados/divulgados em artigos e revistas cientificas. Asseguramos que a privacidade do menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, identificar será mantida em sigilo. Logo, tudo que será relatado será sigiloso e manterá a privacidade dos alunos.

De acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 466 de 2012, toda pesquisa deve garantir a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa em todas as fases.

O pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo sob sua guarda e reponsabilidade por um período mínimo de cinco (5) anos após o término da pesquisa.

14 – Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira estão previstos pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigada por ler estas informações. Se deseje participar deste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao pesquisador. Você deve guardar

uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

Li e concordo em consentir a participação do meu filho da pesquisa acima.

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Data: _____/_____/_____

Anexo 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

FAIXA ETÁRIA DE 10-16 ANOS

Eu, professora **Marcela de Fátima Fernandes Marques**, convido você a participar do estudo: **"A recomposição do processo de alfabetização e letramento no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação."**Informo que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. E todas as atividades e etapas desse estudo/pesquisa seguem as normas das Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções CNS/MS nº 466/2012 e 510/2016.

Sua participação é muito importante e gostaríamos de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir, caso aceite. A pesquisa será feita na nossa escola, **E. M. Herbert Moses**, onde compartilharemos as nossas experiências vividas, na nossa turma do projeto Travessia, nas oficinas de contação de histórias (com livros que apresentam temática sobre inclusão), aplicação do alfabetário digital e o uso de ferramentas digitais. Estas oficinas serão importantes para melhorarmos a inclusão na nossa turma e diminuirmos as defasagens na alfabetização e letramento devido ao fechamento das Unidades Escolares e da Pandemia de COVID 19, onde nem todos os alunos tiveram acesso ao ensino remoto. Os trabalhos realizados juntos: conversas, opiniões, podcast, cartazes (físico e no *Canva*), exposição na escola, visita de autores, vídeos, pinturas, desenho, mural virtual (*Padlet*) e exposição virtual (*Artsteps*), serão divulgados através de uma sequência didática, com o resumo das nossas atividades.

Fique tranquilo que ninguém saberá que você está participando, não aparecerá seu rosto em nenhuma foto ou vídeo. Os resultados do estudo/pesquisa serão publicados na plataforma digital da UNICARIOCA (Proximal) e na nossa escola através do nosso mural e exposição virtual.

Todas as etapas do nosso estudo/pesquisa são seguras e oferecem riscos mínimos e previsíveis. Pode acontecer de você ficar com vergonha; problemas com a conexão com a internet. Mas tudo isso pode ser resolvido e adaptado. Mas também, pode acontecer coisas boas ao participar da pesquisa como fazer atividades interessantes e legais usando tecnologias digitais como criação de vídeo, animação, atividades artísticas, etc.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____

aceito participar da pesquisa: **"A recomposição do processo de alfabetização e letramento no segundo segmento do Ensino Fundamental através de práticas antirracistas com o auxílio de tecnologias digitais na Educação".**

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. A pesquisadora, professora Marcela de Fátima Fernandes Marques, esclareceu minhas dúvidas e conversou com meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

_____,____de

_____de 2022.

_____ _____

Assinatura do menor Assinatura da pesquisadora responsável

<table>
<tr><td colspan="2">Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa,você poderá consultar:</td></tr>
<tr><td>Pesquisador(a) responsável:
Marcela de Fátima Fernandes Marques</td><td>CEP responsável: Comitê de Ética em Pesquisa – Faculdade de Odontologia UFRJ</td></tr>
<tr><td rowspan="3">E-mail: [redacted]

Tel./WhatsApp: [redacted]</td><td>Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco,nº 325 2º andar, sala 01 – Setor de coordenações Academicas da FOUFRJ, Cidade Universitária, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 21.941-617. Tel. (21) 3938-2051 E-mail: cep@odonto.ufrj.br</td></tr>
<tr><td>CEP instituição coparticipante: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro - SMS/RJ</td></tr>
<tr><td>Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar,
Bairro: Centro, CEP: 20031-040 UF: RJ
Telefone: (21)2215-1485
E-mail: cepsmsrj@yahoo.com.br.</td></tr>
</table>